UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Dissertação de Mestrado

"GINÁSTICA SEM FRONTEIRAS": O PROGRAMA *INTERNATIONAL YOUTH LEADER EDUCATION* E SUAS RELAÇÕES PARA A ATUAÇÃO PROFISSIONAL EM GINÁSTICA

Ana Paula Dias de Souza

Pelotas, 2021

Ana Paula Dias de Souza

“GINÁSTICA SEM FRONTEIRAS": O PROGRAMA *INTERNATIONAL YOUTH LEADER EDUCATION* E SUAS RELAÇÕES PARA A ATUAÇÃO PROFISSIONAL EM GINÁSTICA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção de título de Mestre em Educação Física.

Orientadora: Profª. Drª. Andrize Ramires Costa

Pelotas, 2021

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

S719q Souza, Ana Paula Dias de

"Ginástica sem fronteiras": o programa international youth leader education e suas relações para a atuação profissional em ginástica / Ana Paula Dias de Souza ; Andrize Ramires Costa, orientadora. — Pelotas, 2021.

116 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, 2021.

1. Internacionalização. 2. Intercâmbio. 3. Ginástica. 4. Dinamarca. I. Costa, Andrize Ramires, orient. II. Título.

CDD: 796

Elaborada por Daiane de Almeida Schramm CRB: 10/1881

Ana Paula Dias de Souza

“GINÁSTICA SEM FRONTEIRAS": O PROGRAMA *INTERNATIONAL YOUTH LEADER EDUCATION* E SUAS RELAÇÕES PARA A ATUAÇÃO PROFISSIONAL EM GINÁSTICA

Dissertação apresentada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 5 de agosto de 2021

Banca examinadora:

Profa. Dra. Andrize Ramires Costa (orientadora)
Doutora em Educação Física pela Universidade Federal Santa Catarina

Profa. Dra. Eliana de Toledo

Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Prof. Dr. Otávio Guimarães Tavares da Silva

Doutor em Educação Física pela Universidade Gama Filho

Suplente: Profa. Dra. Elizabeth Paoliello de Souza

Doutora em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas

Suplente: Profa. Dra. Mariângela da Rosa Afonso

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Dedico esse trabalho a Deus, aos meus familiares, aos professores e amigos.

Agradecimentos

A Deus, pela graça e fé que recebi para não me limitar ou me abater em algumas circunstâncias; por acreditar que nele eu posso e, mesmo nos momentos mais improváveis, pude realizar e me dedicar às coisas que amo.

A minha mãe Izabete e aos meus irmãos José Dirceu, Diêgo Henrique, Gabriela e João Pedro, pela amizade, amor, carinho e por todo apoio todos esses anos.

A minha querida orientadora Profa. Dra. Andrize Costa, que, além de ampliar minha visão sobre pesquisa e Ginástica, me inspirou pelo seu caráter, amizade, cordialidade, carinho com os alunos e por ter me apresentado a possibilidade de cursar o mestrado em Pelotas.

À professora Dra. Elizabeth Paoliello, pelo carinho, disponibilidade e suas preciosas contribuições para esse estudo, além de todo o trabalho que possibilitou minhas experiências que também embasam essa pesquisa.

A minha banca avaliadora, a Profa. Dra. Eliana de Toledo e o Prof. Dr. Otávio Guimarães, pela disponibilidade para contribuir nesse estudo.

Aos meus amigos, em especial a Franciny Dias, pela confidência, incentivo, e parceria e à Profa. Dra. Paula Cristina Silva, pelos ensinamentos, carinho e os projetos com Ginástica.

A minha família emprestada do Rio Grade do Sul: A Magda Jordana, A Cleusa, a Stéfany e a minha vozinha do coração Maria de Lourdes, pois me acolheram em Pelotas e se tornaram parte da minha vida.

Às Bandivas do 401, com as quais compartilhei os melhores momentos na Casa do Estudante Universitário.

Ao meu namorado Vítor Tavares, pela parceria, amizade, carinho e apoio durante todo o processo.

Ao Núcleo de Estudos e Pesquisa em Ginástica e Infância, pelas trocas, dicas e amizades que levo para vida.

À Universidade Federal de Pelotas, por financiar meu estudo pelo Programa Institucional de Bolsas de Mestrado, o que tornou possível a sua conclusão.

E a todos aqueles que torceram e contribuíram de alguma forma para a realização desse trabalho.

Obrigada.

Resumo

SOUZA, Ana Paula Dias. “Ginástica sem fronteiras": o programa *International Youth Leader Education* e suas relações para a atuação profissional em ginástica. Orientadora: Andrize Ramires Costa. 2021. 116f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

O objetivo deste estudo foi analisar o processo de internacionalização por meio do programa *International Youth Leader Education* (IYLE) e suas influências na trajetória profissional em Ginástica. Esse programa, da *International Sports and Culture Association* (ISCA), oferece bolsas de estudos em escolas dinamarquesas com formação no estilo não formal, proporcionando amplas vivências e práticas esportivas, entre as quais podemos destacar a Ginástica. Com a participação de brasileiros desde 1997 até os dias atuais, e considerando as necessidades na formação de professores de Ginástica no Brasil, esse estudo propôs uma abordagem qualitativa descritiva para alcance dos objetivos apresentados. Para a coleta de dados, foram feitas entrevistas semiestruturadas e posteriormente a análise de Bardin (2011) para tratamento dos dados obtidos. Por meio dos seus procedimentos, essa pesquisa aprofundou-se em algumas questões que compreendem a entrada no programa, a formação do intercâmbio e a trajetória profissional. Com isso, constatamos que todos os participantes entrevistados tinham experiência prévia com a Ginástica, principalmente em grupos de extensão nas universidades. A maior motivação para participar do programa foi a experiência internacional, seguida da formação em Ginástica oferecida, além das influências de colegas e amigos de grupos de Ginástica Para Todos. O fator financeiro foi apresentado como o maior desafio para participar do programa, além das dificuldades com a proficiência em inglês. Durante o intercâmbio, os participantes destacaram, por suas percepções, características do ensino, como a estrutura e materiais de qualidade, como facilitador pedagógico, a organização da escola, professores e alunos, aulas com pouca teoria e muitas atividades práticas. As principais contribuições no aspecto pessoal foram as amizades, a experiência internacional e o amadurecimento. Já no âmbito profissional, constatamos a formação em Ginástica por meio das vivências práticas, performances e outras contribuições como diferencial da formação internacional no currículo. Após o intercâmbio, houve contribuições na instituição de vínculo, especialmente nos grupos de extensão e pesquisa. A formação da IYLE contribuiu de diversas formas na trajetória profissional, principalmente pela aplicação dos conhecimentos adquiridos e pela experiência vivida. A Ginástica dinamarquesa passou a ser utilizada como um elemento das aulas práticas, sem grandes repercussões pela fata de conhecimento e pela diferente relação com a Ginástica no contexto brasileiro. Na prática docente, a Ginástica dinamarquesa passou a ser utilizada como um conteúdo da Ginástica com vivências e exemplos vividos.

Palavras-chave: internacionalização. Intercâmbio. Ginástica. Dinamarca.

Abstract

SOUZA, Ana Paula Dias. “Gymnastics without borders”: the International Youth Leader Education program and its relationships in the gymnastics professional performance**.** Advisor: Andrize Ramires Costa. 2021. 116p. Dissertation (Master degree in Physical Education) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

The goal of this study was to analyze the internationalization process through the International Youth Leader Education program and its relationships in the professional trajectory in gymnastics. This program by International Sports and Culture Association (ISCA) offers scholarships in Danish schools with non-formal education, providing large experiences and sports practices, among which we can highlight Gymnastics. With the participation of Brazilians from 1997 to the present day and considering the needs in the training of gymnastics teachers in Brazil, this study proposes a qualitative and descriptive approach to achieve its objectives. For data collection, semi-structured interviews were carried out and, subsequently, the analysis of Bardin (2011) to treat the obtained data. Through its procedures, this research intends to deepen on some issues that include entry into the program, training and current professional practice. Thus, we found that all interviewed participants had previous experience with gymnastics, especially in extension groups at universities. The main motivation to participate in the program was the international experience, followed by the Gymnastics training offered, in addition to the influence friends from Gymnastics For All groups. The financial factor was presented as the greatest challenge to participate in the program, in addition to difficulties with English proficiency. During the internship, the participants emphasized, through their perceptions, teaching characteristics, such as the structure and quality materials as a pedagogical facilitator, the school, teachers and students organization, classes with little theory and many practical activities. The main contributions in the personal aspect were friendships, international experience and maturation. In the professional, we verify the Gymnastics formation through practical experiences, performances and other contributions such as the international education in the curriculum. After the exchange, there were contributions in the home institution, especially in the extension and research groups. The IYLE formation contributed in several ways to the professional trajectory, mainly through the acquired knowledge application and the lived experience. Danish Gymnastics has been used as an element of practical classes, without major repercussions due to the lack of knowledge and the different relationship with Gymnastics in the Brazilian context. In teaching practice, Danish Gymnastics has been used as a Gymnastics content with experiences and lived examples.

Keywords: internationalization. ISCA. IYLE. Internship.

Lista de Abreviaturas e Siglas

CBG	Confederação Brasileira de Ginástica
DGI	*Danske Gymnastik & Idraetsforeninger*
ESEF	Escola Superior de Educação Física
FIG	Federação Internacional de Ginástica
FIGPT	Fórum Internacional de Ginástica Para Todos
GA	Ginástica Artística
GGU	Grupo Ginástico Unicamp
GPT	Ginástica Para Todos
GR	Ginástica Rítmica
GUG	Grupo Unido de Ginastas
IH	*Idrætshøjskole*
INTAC	*International Academy*
ISCA	*International Sports and Culture Association*
ISCALA	*International Sports and Culture Association of Latin America*
IYLE	*International Youth Leader Education*
Labgin	Laboratório de Ginástica
Lapegi	Labortório de Pesquisa e Ginástica
ONU	Organização das Nações Unidas
SESC	Serviço Social do Comércio
UEM	Universidade Estadual de Maringá
UEG	Universidade Estadual de Goiás
Ufes	Universidade Federal do Espírito Santo
UFPa	Universidade Federal do Pará
UFPel	Universidade Federal de Pelotas
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas
UNICEF	*United Nations International Children's Emergency Fund*

Sumário

1 Ponto de partida 10

2 Introdução 12

2.1 Justificativa e problema de pesquisa 15

2.2 Objetivos 17

2.2.1 Objetivo geral 17

2.2.2 Objetivos específicos 17

3 Revisão de literatura 17

3.1 As influências internacionais na Ginástica brasileira 17

3.2 Internacionalização, mobilidade acadêmica e formação 20

3.3 A *International Sports and Culture Association* 23

3.4 O Brasil e a *International Sports and Culture Association*: como tudo começou 25

3.5 Os programas de intercâmbio 27

3.6 As escolas dinamarquesas na perspectiva da *Folk School* 28

3.7 A escola de Ollerup 30

3.8 A escola de Viborg 31

3.9 A *International Youth Leader Education* – e as suas interlocuções com a publicação acadêmico-cientifica no Brasil 32

4 Metodologia 35

4.1 Sujeitos de pesquisa 35

4.2 Critérios de inclusão 37

4.3 Critérios de exclusão 37

4.4 Instrumento de coleta de dados 37

4.5 Procedimentos 38

4.5.1 Fase1 - aspectos éticos 38

4.5.2 Fase 2 - coleta de dados 38

4.5.3 Fase 3 - análise dos dados 39

5 Financiamento..... 39

6 Resultados e discussões..... 40

6.1 Antes do intercâmbio 41

6.1.1 A experiência prévia dos participantes com a Ginástica 41

6.1.2 Motivações para participar do programa *International Youth Leader Education* 45

6.1.3 Os principais desafios para participar do programa 49

6.2 Durante o Intercâmbio 54

6.2.1 Percepções sobre o ensino e aprendizagem 54

6.2.2 As principais experiências no aspecto pessoal e profissional 65

6.3 Após o intercâmbio..... 76

6.3.1 Contribuições a partir da instituição de vínculo 77

6.3.2 Contribuições na trajetória profissional em Ginástica..... 80

6.3.3 A utilização da Ginástica dinamarquesa pelos ex-intercambistas 85

6.4 Interligando as fases do processo.....90

7 Considerações finais 91

Referências 95

Apêndices 104

Anexos 113

1 Ponto de partida

Antes de iniciarmos a explanação sobre esta pesquisa, faz-se necessário expor um pouco da minha trajetória pessoal e de como cheguei até a cidade de Pelotas/RS, extremo Sul do país, para estudar Ginástica.

Durante o processo de formação profissional em Educação Física na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), tive contato com a Ginástica Para Todos (GPT) por intermédio de um projeto de extensão universitária intitulado Laboratório de Ginástica (Labgin). Por meio das vivências no projeto, tive a possibilidade de conhecer outra forma de se fazer Ginástica, pois, até então, minha experiência era restrita à Ginástica Rítmica (GR) em âmbito competitivo. Essa modalidade gímnica marcou minha infância e adolescência por proporcionar diversas experiências, amizades e ensinamentos, que culminaram na escolha do curso de graduação.

Com a entrada no Labgin, em 2014, conheci a GPT, que se trata de uma prática Gímnica conhecida primordialmente pelo seu caráter não competitivo[1], que, além da possibilidade de explorar movimentos corporais e recursos, como a utilização de aparelhos tradicionais e não tradicionais, proporciona ampla vivência (PAOLIELLO *et al*., 2014). Dessa forma, pude agregar elementos ao grupo mediante minhas experiências da GR, com as vivências e composições coreográficas conjuntas. Outra característica ligada à GPT é ser uma prática que oferece uma variedade de atividades as quais contemplam diferentes gêneros, idades, habilidades e culturas (FIG, 2019). Assim, minha experiência no Labgin, além das aulas, envolveu apresentações coreográficas, festivais, pesquisa e oportunidades inerentes às relações ali estabelecidas.

No Ano de 2018, após a filiação da Ufes à *International Sports and Culture Association* (ISCA), fui contemplada com uma bolsa de intercâmbio na escola dinamarquesa de Ginástica *Gymnastikhøskolen i Ollerup*, viabilizada por um programa da ISCA, a *International Youth Leader Education* (IYLE). Além

[1] Embora o aspecto não competitivo seja sua principal característica, é importante destacar a possibilidade competitiva, como ocorre no segundo maior evento mundial de Ginástica Para Todos, que é o *World Gym For Life Challenge*, promovido pela Federação Internacional de Ginástica (FIG). Esse evento reúne grupos de diversos países e propõe avaliar as apresentações pela criatividade e originalidade.

das aulas e toda a vivência internacional, tive oportunidade de participar de grandes eventos e festivais juntamente com a escola de Ollerup, como: o *Landesturnfest*, um grande evento de Ginástica com competições e festivais em diversos locais da cidade de Weinheim, Alemanha; e o *Všesokolský Slet* em Praga, República Tcheca, que é um grande evento realizado pela Associação Tcheca de Educação Física – SOKOL – e traz forte tradição na Ginástica de Grande Área (BUENO, 2004).

Essas experiências, além de agregar à minha trajetória na vida pessoal e profissional, transformaram a minha forma de conceber a formação de professores e as possibilidades com a Ginástica.

Após o período do intercâmbio, tive o privilégio de trabalhar como monitora voluntária ministrando aulas de GPT no grupo Labgin durante a licença da professora responsável. Nesse período, uma das alunas participantes era professora da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e estava cursando o pós-doutorado na Ufes. Esse contato foi primordial para que se abrissem alguns caminhos, como a filiação da UFPel à ISCA, viabilizando bolsas de intercâmbio no sul do país. Além disso, esse vínculo também despertou ainda mais meu interesse com a pesquisa e aprofundamento na área da Ginástica, sendo ponto de partida para participar da seleção de mestrado na Escola Superior de Educação Física da UFPel.

Após minha aprovação na seleção de mestrado na UFPel, seguida da abertura do novo grupo ginástico na universidade e da minha atuação como professora voluntária no grupo de GPT, intensificaram-se as reflexões a respeito do impacto das minhas experiências na minha formação. Assim, meus estudos acabaram se direcionando para esse aspecto, permitindo refletir sobre formação e trajetória profissional na Ginástica.

Assim, quando falamos em formação de professores e a Ginástica, existem várias questões que permeiam essa discussão, as quais se direcionam desde a formação inicial até a atuação profissional. Nesse aspecto, podemos citar: Barbosa-Rinaldi (2005), que investigou os saberes gímnicos necessários na formação inicial; Costa *et al*. (2016), que verificou a ausência do trato com a Ginástica nos conteúdos escolares; Nunomura e Nista-Piccolo (2003), que

investigaram a formação de treinadores de Ginástica Artística (GA) e as necessidades no sistema educacional para suprir as demandas de formação; Ayoub (1998) e Souza (1997), com suas importantes contribuições que refletem, contextualizam e justificam a GPT como área do conhecimento da Educação Física; e Toledo e Silva (2020), as quais destacaram o papel acadêmico na disseminação dessa manifestação gímnica, além de outros estudos.

Ademais, quando se pensa a formação profissional na Ginástica desde os primórdios até os dias atuais no Brasil, verifica-se a importância da internacionalização. Nesse sentido, ganham destaque as influências europeias, as quais compõem desde marcos históricos importantes da Educação Física (SOARES, 2004) até as manifestações gímnicas atualmente praticadas nos mais variados espaços.

Considerando a internacionalização como “processo” contínuo, levando em consideração o contexto da formação e a trajetória profissional na ginástica, a pesquisa a seguir se aprofunda nessa temática evidenciando o programa IYLE da ISCA, que é melhor descrito ao longo dos capítulos a seguir.

2 Introdução

Ao olhar a educação superior, a busca por conhecimentos em outros territórios e perspectivas permeia a humanidade há séculos, no intuito de atender as mais diversificadas demandas sociais e existenciais. Nesse aspecto, a internacionalização do ensino superior acompanha os fenômenos sociais, que, nas últimas décadas, intensificaram essas demandas para além das fronteiras (HUDZIK, 2011).

Embora o termo internacionalização seja muito visado e atribuído por remeter-se a interações internacionais, torna-se um grande desafio conceber uma definição por se tratar de um fenômeno complexo e multifacetado. Ao observar esse fenômeno no contexto do ensino superior, a complexidade pode ser justificada, uma vez que a internacionalização pode ser viabilizada por diversos setores e ainda não se limitar a eles, tais como: serviços de apoio ao

estudante, recursos, administração, *design* institucional, pesquisa, intercâmbio e outros (HUDZIK, 2011). Dessa forma, na busca de uma definição geral, Knight (2003) destaca que a internacionalização pode ser definida como o processo de integração de uma dimensão internacional, intercultural ou global no objetivo, nas funções ou no fornecimento do ensino superior.

Ao pensar a internacionalização na educação superior no Brasil, é possível fazer considerações históricas. Com o desenvolvimento tardio da formação superior do país, tivemos no período Colonial as influências internacionais e a relocação de conhecimentos do exterior. Essas inserções assumiram diversas esferas do conhecimento, com destaque da influência francesa na educação e cultura até a segunda guerra (CUNHA; RESCHKE, 2016). Na Ginástica também podemos fazer essas considerações, uma vez que sua introdução em solo brasileiro se dá com a chegada da corte portuguesa e posteriormente ganha protagonismo no âmbito militar com a Academia da Marinha e a Escola de Medicina em meio ao processo de independência. Em segundo momento, no âmbito educacional, a inserção da Ginástica foi potencializada pelos princípios eugenistas e higienistas (COSTA; PERELLI; SANTOS, 2016).

Embora a influência internacional na introdução da Ginástica no Brasil tenha sido essencial, a formação de professores ainda não se estruturou de forma significativa até os dias atuais, a fim de atender as demandas da modalidade às quais concerne desde o campo escolar até o campo esportivo. Para a atuação profissional com a Ginástica no Brasil, é exigida a formação universitária, medida que, como menciona Bento-Soares (2019), acaba isentando a obrigatoriedade legal da Federação Nacional de Ginástica em proporcionar a formação de treinadores visando à formação continuada para atuar na área. Além do mais, é importante mencionar dificuldades de estabelecer os conhecimentos ginásticos fundamentais na graduação (BARBOSA-RINALDI, 2005; CARBINATTO *et al*., 2017), que refletem na ausência da Ginástica na escola (COSTA, 2016) e na insatisfação de treinadores no âmbito esportivo, que também está ligada à falta de um sistema

de formação específico (NUNOMURA; NISTA-PICCOLO, 2003; NUNOMURA; CARBINATTO; CARRARA, 2013).

Por outro lado, em vista das dificuldades de efetivar os conteúdos da modalidade na graduação e em um programa de especialização, podemos mencionar os outros meios nos quais se baseia a formação desses profissionais. “Considerando que a atuação profissional na área de esportes é influenciada pela formação inicial, não formal e informal” (CARBINATTO *et al*., 2017, p. 55), ganha destaque a experiência como atleta (NUNOMURA; NISTA-PICCOLO, 2003), a participação em minicursos, palestras, oficinas, a extensão universitária (BAHU; CARBINATTO 2016), a integração propiciada por grupos ginásticos ou até mesmo a busca por uma formação no exterior (NUNOMURA; NISTA-PICCOLO, 2003).

Quando nos remetemos aos meios internacionais de formação na Ginástica, embora nem sempre acessíveis, as possibilidades são diversas e muitas vezes viabilizadas por iniciativas dentro da universidade, como em grandes eventos internacionais dentro e fora do país. Dentre eles, podemos citar o Fórum Internacional de Ginástica Para Todos, e o Seminário Internacional de Ginástica Artística e Rítmica de Competição, os quais ocorrem no Brasil, e grandes eventos internacionais como o Gymnaestrada Mundial[2], em que uma grande parcela dos grupos brasileiros participantes são mobilizados dentro da universidade. Outra iniciativa que se destaca por oferecer bolsas de intercâmbio em escolas de Ginástica e esportes na Dinamarca a partir de projetos e ações estabelecidas na universidade é o programa *International Youth Leader Education* (IYLE), oferecido pela organização internacional *International Sports and Culture Association* (ISCA). Essa organização, além das bolsas de intercâmbio, desenvolve diversas outras ações no intuito de ampliar e facilitar a prática de atividades físicas, promovendo o esporte para todos (AYOUB; BORTOLETO, 2013).

Desde 1997, brasileiros participam do programa IYLE com bolsas que duram de 4 a 9 meses (AYOUB; BORTOLETO, 2013). Tendo início na

[2] De acordo com a Federação Internacional de Ginástica (FIG), trata-se do maior evento mundial de Ginástica, que reúne grupos de diversos países em um grande festival de GPT.

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), São Paulo, algumas instituições no país se filiaram posteriormente, o que intensificou a participação de outros estados. Embora o programa seja mencionado pela literatura como veículo de Internacionalização, ainda se fazem necessários estudos para melhor aprofundamento nesse processo (AYOUB; BORTOLETO, 2013; PAOLIELLO *et al*. 2014; ASSUPÇÃO; TOLEDO, 2015).

Diante disso, a perspectiva adotada para esse estudo é a utilização do termo “processo”, no que diz respeito à internacionalização, pois assume o conceito de desenvolvimento contínuo, que denota uma qualidade evolutiva ou de desenvolvimento do conceito. O termo processo, frequentemente pensado para um modelo tripartido de educação, é divido em: entrada, processo e saída. Esse modelo tripartido, embora não frequentemente utilizado na definição de internacionalização, contribui para o entendimento do produto e dos benefícios desse processo, o que permite refletir sobre as prioridades das partes interessadas (KNIGHT, 2003).

Nessa perspectiva, ao pensar esses produtos na trajetória profissional na Ginástica, é possível considerar ganhos no repertório de modelo de intervenção nas práticas pedagógicas nos mais diferentes espaços. Nesse sentido, concordamos com Brasil *et al* (2015), que, ao caracterizar e refletir os episódios relevantes na trajetória de formação de treinadores, destaca que o profissional mobiliza suas experiências prévias para atender suas demandas pedagógicas no campo de atuação; além disso, também atribui novos significados em uma espécie de “cópia personalizada” dos modelos de ação advindos de seu percurso de formação.

2.1 Justificativa e Problema de Pesquisa

Atuar na Ginástica no Brasil se torna um desafio considerando a realidade imposta quanto à formação profissional. Essa realidade pode ser advinda de diversos fatores, o que resulta em um campo diversificado para intervenção científica, no intuito de contribuir para melhor entendimento dos processos envolvidos e possíveis melhoras.

Embora muitas medidas sejam necessárias para que haja mudanças mais efetivas nessa área de atuação, podemos explanar algumas ações que contribuem a nível institucional e até nacional. Dentre essas ações, o programa IYLE com bolsas de estudos no exterior ganha destaque, principalmente por contemplar Ginástica e esporte em seus programas.

Ao olhar para a realidade nacional e sua forma de participação em programas de mobilidade no mundo, o Brasil se insere de forma retardatária, e uma das razões pode ser atribuída às dinâmicas do capital, o qual prioriza as "ciências duras", além da estruturação tardia do ensino superior, quando comparado ao de países desenvolvidos (CHAVES; CASTRO, 2016). Ao considerar que a prioridade na participação das áreas do conhecimento, que abrange grande parte dos cursos de engenharias e demais tecnologias (CHAVES; CASTRO, 2016), podemos refletir sobre a participação do curso de Educação Física, pois, embora haja as possibilidades com ênfase nas ciências da saúde, este campo também pode ser afetado com as desigualdades nas áreas do conhecimento e nas políticas de incentivo à mobilidade, as quais enfrentam, por sua vez, regresso do investimento nos últimos anos (CHAVES; CASTRO, 2016).

Desse modo, além de refletir sobre a formação dos professores que atuam na área da Ginástica, se faz presente a necessidade de contribuir com informações no intuito de alcançar as mais diversas reflexões, como, por exemplo, a importância de iniciativas como a mobilidade acadêmica pela IYLE da ISCA.

Além do mais, embora mencionado na literatura enquanto veículo de internacionalização na educação superior (AYOUB; BORTOLETO, 2013; PAOLIELLO *et al*. 2014; ASSUPÇÃO; TOLEDO, 2015), se faz presente a necessidade de elucidar as questões que permeiam a discussão desse "processo", tal como as influências na trajetória profissional em Ginástica. Dessa forma, os questionamentos que norteiam a pesquisa são: Como o programa de mobilidade acadêmica e as vivências advindas deste processo podem contribuir na formação de professores? Em especial, como a ISCA, a

partir do programa IYLE, pode contribuir na formação de professores de Ginástica?

2.2 Objetivos

2.2.1 Objetivo Geral

- Analisar o processo de internacionalização por meio do programa IYLE e suas influências na trajetória profissional em Ginástica.

2.2.2 Objetivos Específicos

- Descrever o tipo de aproximação prévia dos participantes com a Ginástica, bem como as principais motivações para a entrada no programa;

- Apontar os principais desafios para poder participar do intercâmbio;

- Descrever as percepções do ensino e aprendizagem na perspectiva dos alunos participantes.

- Destacar as principais contribuições na formação dos profissionais que participaram do programa;

- Aprofundar como os conhecimentos adquiridos pelo programa IYLE vêm sendo utilizados no contexto da Ginástica brasileira.

3 Revisão de Literatura

3.1 As influências internacionais na Ginástica brasileira

Considerando a importância das influências europeias para a Ginástica brasileira, podemos mencionar desde marcos históricos importantes da Educação Física até as manifestações gímnicas atualmente praticadas nos mais variados espaços. Além dos meios em que essas influências ocorreram, também ganha destaque o processo histórico e político que justificou as ações que resultaram nessas influências.

Desde 1800, partindo de diferentes maneiras de abordar o exercício físico, as bases científicas e ideológicas abriram espaço para a sistematização e idealização dos métodos ginásticos. Os métodos que compreenderam as Escolas de Ginástica na Europa, como a escola Alemã, Sueca, Inglesa e Francesa, além de serem bases influenciadoras, também sofreram transformações, seguindo o período e o contexto histórico em que ocuparam (LANGLADE; LANGLADE, 1970).

No Brasil, a primeira introdução da Ginástica ocorre com a chegada da Coroa portuguesa. De acordo com Arantes (2008), os primeiros professores de Ginástica foram os soldados da guarda pessoal de D. Leopoldina, Imperatriz do Brasil, que, embora sendo um grupo pequeno, praticavam exercícios que foram adotados por nossos soldados. No final do Período Colonial, com as necessidades de fortalecer a família da elite e adestrar a população com princípios morais, além do avanço do direcionamento político militar, a Ginástica ganha espaço como importante meio para implantar esses ideais, que foram fortificados pelas instituições militares (COSTA; PERELLI; SANTOS, 2016).

A Ginástica Francesa foi introduzida primeiramente em 1907, para instrução militar a Força Pública do Estado de São Paulo, por meio de uma Missão Militar Francesa (SOARES, 2004). Após ser unificado em todo o Brasil, o método foi oficializado nas escolas na década de trinta por incentivo médico e militar, com contribuições junto ao governo de Getúlio Vargas, que estava ligado a aspectos nacionalistas (GOELLNER, 1992).

Além da introdução dos métodos ginásticos por instituições militares e posteriormente nas escolas, também se destacam as associações teuto-brasileiras, que foram estabelecidas pelo associativismo da imigração alemã na região sul e sudeste do país, com maior destaque a partir da década de 1850. Essa ginástica alemã dos imigrantes, como descreve Fiorin (2002), não era como a ginástica alemã dos militares ou das escolas. O entendimento da prática da ginástica servia a vertente de Janh direcionada para a população em geral, fortificando a vida em sociedade dos imigrantes e a prática pelo prazer.

Essas associações, que não eram apenas para a prática da ginástica, tiveram que se nacionalizar na década de 1930 por meio do Estado Novista de Vargas[3], ocasionando mudanças estruturais (QUITZAU, 2011; QUITZAU; SOARES, 2019).

Ao discutir sobre o surgimento da Ginástica Olímpica (Atual Ginástica Artística) no Brasil até a criação da Confederação Brasileira de Ginástica (CBG), Publio (1998) detalha aspectos históricos no desenvolvimento do esporte no país. Desde a fase inicial, denominada “período heroico” (1824-1950), o autor destaca a importância da colonização alemã com as associações e os trabalhos dos precursores até sua oficialização com os campeonatos brasileiros de Ginástica em 1951.

Em vista disso, quando nos remetemos aos primeiros fragmentos da GPT de forma específica, corroboramos com Toledo, Dias e Pereira (2018) quando afirmam que a vinda de professoras europeias na década de 1950 contribuiu para as primeiras aparições que podemos assimilar como os primórdios da GPT. Principalmente quando nos direcionamos aos trabalhos desenvolvidos por Ilona Peuker, uma húngara que se radicou no Brasil e foi responsável pela criação do Grupo Unido de Ginastas (GUG). Apesar de trabalhar na vertente da Ginástica Moderna, futura GR, teve em suas apresentações características que se assemelhavam à GPT.

Nesse sentido, Bernardes (2010) destaca que o grupo realizava apresentações com materiais alternativos ligados ao folclore brasileiro, como pandeiros, reco-recos, coquinhos, entre outros, por sua vez, fugindo de uma Ginástica praticada apenas sob o viés competitivo e com materiais oficiais. Ainda de acordo com Bernardes (2010), essa versatilidade era uma das grandes características de Dona Ilona (carinhosamente chamada por suas alunas). Além disso, ela foi responsável pelas primeiras aparições do Brasil em performances realizadas na *World Gymnaestrada*, estreia que ocorreu em 1957 em Zagreb, na Croácia. Além do mais, Ilona Peuker foi uma importante figura

[3] Além da proibição do uso da língua de origem, a publicação do Decreto-Lei 383, em 19 de abril de 1938, pelo governo Vargas, veta a organização de sociedades e a manutenção de veículos de comunicação que tivessem ligações com Estados estrangeiros (QUITZAU, 2011, p. 158).

para acelerar o processo de criação da CBG, que nasceu em 25 de dezembro de 1978 (CBG, 2020).

Na atualidade, podemos dizer que as manifestações gímnicas no Brasil expressam as diferentes influências internacionais. Contudo, não se trata de um processo linear, além dessas influências ainda serem uma realidade no nosso contexto. No âmbito esportivo, Antualpa (2011) faz alguns apontamentos sobre GR brasileira, afirmando que, apesar de sua evolução nos últimos anos, verifica-se a sua dependência da vinda de técnicos estrangeiros, de estágios de atletas em centros de alto rendimento europeu, dentre outras formas de intercâmbio. Na GA, essa realidade não é diferente, de acordo com Numonura e Oliveira (2012), os quais, ao descreverem o modelo brasileiro de seleção permanente, destacam a influência de técnicos estrangeiros na estruturação em regime de concentração para treinamento de atletas de excelência.

Por fim, norteando-se pelos apontamentos feitos, é possível entender a busca por conhecimento internacional como meio de suprir diversas demandas no país. Assim, a variedade de influências internacionais se faz presente na Ginástica, na formação profissional e nas mais diferentes esferas do conhecimento. Além do mais, as tendências internacionais são potencializadas pela globalização, a qual pode ser entendida como um fluxo além das fronteiras de ideias, pessoas, conhecimentos, informação e outros, e também ocasiona múltiplos efeitos na educação (Knight, 2003), como no contexto pandêmico do Novo Coronavírus e a reconfiguração de eventos nacionais e internacionais de Ginástica, que tornou mais acessível a participação de indivíduos de diferentes localidades por meio das Tecnologias de Informação e Comunicação.

No tópico a seguir, discutiremos o tema “internacionalização”, para subsidiar as reflexões propostas neste estudo.

3.2 Internacionalização, mobilidade acadêmica e formação

Nesse tópico, antes de falar sobre mobilidade acadêmica e suas influências na formação, optamos por uma breve contextualização para melhor

entender como o Brasil se insere e por que algumas formas de incentivo são mais privilegiadas do que as outras. Em seguida, discutiremos a mobilidade acadêmica propriamente dita e como é entendida em termos de formação na educação superior.

Quando se fala em educação e no papel que ela desempenha na sociedade, faz-se necessário refletir como as dimensões internacionais se relacionam com os diversos aspectos que envolvem a educação. Para isso, a internacionalização da educação superior se torna alvo de discussão, pois se trata de um fenômeno complexo em sua compreensão e definição, além de se materializar de formas diferentes e dinâmicas. Considerando essa multiplicidade, Knight (2004) sugere que, quando a internacionalização é definida em termos de insumos, produtos ou benefícios, torna-se menos genérica, pois deve refletir as prioridades específicas de um país, instituição ou grupo específico de partes interessadas. Com essa concepção, a autora observa o fenômeno como um "processo", que incorpora em seu significado o desenvolvimento e ação contínua com entradas e saídas (KNIGHT, 2003).

Considerando os fatores que influenciam a internacionalização, destaca-se a configuração de um mundo globalizado. Assim, a internacionalização é promovida em virtude de diversos interesses.

> A reconfiguração global de economias, sistemas de comércio, pesquisa e comunicação e o impacto das forças globais na vida local expandem drasticamente a necessidade de uma internacionalização abrangente e as motivações e propósitos que a impulsionam (HUDZIK, 2011, p.1)[4].

Uma vez que as ações de internacionalização possam responder às demandas de um mundo globalizado, também podemos observar como os países se configuram nessa demanda. Seeber *et al*. (2016), ao investigarem as razões para a internacionalização no ensino Superior na Europa, atribuem grande importância para a competitividade e os prestígios que essa proporciona no contexto global. Os autores ainda pontuam que esses prestígios são considerados mais relevantes do que os próprios produtos e processos no ensino superior.

[4] Tradução nossa.

No Brasil, os movimentos de internacionalização fizeram parte da história em função da dependência colonial, em que “o referencial externo regulava a percepção de sábio, correto, legal, adequado” (CUNHA; RESCHKE, 2016, p. 4). No contexto atual, a internacionalização se reconfigura com as influências globais de mercado.

> Tendo como cenário a última década, é possível afirmar, porém, que se registra um movimento estatal no Brasil nunca antes presenciado, que favorece a mobilidade estudantil, especialmente para países desenvolvidos. O intercâmbio tornou-se num assunto de interesse estratégico bilateral, tanto para o Brasil como para os países europeus e americanos, especialmente (CUNHA; RESCHKE, 2016, p.4).

Contudo, considerando o campo educacional, a internacionalização ainda se encontra em construção, sem clara definição em seus objetivos por se inserir em contexto de políticas públicas (CASTRO; CABRAL NETO, 2012). Nesse cenário, Spears (2014) aponta a política global pautada no capitalismo, no qual se privilegia o incentivo à tecnologia, engenharia e matemática, gera-se um conjunto de relações socialmente estabelecidas nas universidades públicas brasileiras, que enfatiza o “valor” dessas disciplinas como estratégia econômica nacional.

Assim, a inserção brasileira ocorre de forma periférica na chamada “geopolítica de conhecimento”, “não possuindo muitas universidades atrativas para os estudantes estrangeiros; a falta de infraestrutura de acolhimento para os estudantes em mobilidade estudantil; e a dificuldade com a língua” (CHAVES; CASTRO, 2016). Perante esses desafios, o país tem adotado uma política de incentivo à internacionalização com prioridade dada à mobilidade estudantil, embora esses investimentos tenham caído nos últimos anos (CHAVES; CASTRO, 2016). Um grande exemplo do retrocesso nas iniciativas políticas na Internacionalização do ensino superior no Brasil foi o fim do maior programa de mobilidade que já existiu no país, o Ciências sem Fronteiras. Criado em 2011 com o Decreto 7.642 no Governo de Dilma Rousseff, foram ofertados 93 mil bolsas até a última seleção de alunos do ensino superior, em 2014 (CUNHA, RESCHKE, 2016; G1, 2017).

Outro cenário apontado por Tamião e Cavenaghi (2013) é o pouco investimento em projetos de apoio à internacionalização na graduação, destacando ainda maior incentivo para a pós-graduação. Com essa disparidade de investimento, os autores ainda refletem sobre as diferenças ocasionadas, uma vez que o aluno com maior condição financeira terá mais chances de disfrutar dessa experiência e diferencial.

Dessa forma, nos questionamos: qual a relevância da mobilidade estudantil para formação do indivíduo? Cunha e Reschke (2016), ao discutirem mobilidade no contexto da internacionalização, destacam que a possibilidade de uma experiência de estudo no exterior trata-se de um poderoso veículo de formação, pois impacta significativamente a trajetória formativa, que se dá devido à condição de crescimento pessoal e profissional.

Na profissão versus intercâmbio, Tamião e Cavenaghi (2013), por meio de entrevistas, verificaram que os alunos acreditam que a bagagem cultural trazida pelo intercâmbio é um diferencial. Assim, eles apontam o idioma, a vivência cultural, o respeito, network e a vontade de mudanças.

De fato, muitas razões podem influenciar a participação de um programa de intercâmbio. Larsen e Vicent-Lancrin (2002), ao descreverem as motivações de estudantes internacionais de países emergentes, destacam que esses estudantes podem considerar os serviços educacionais oferecidos como superiores em comparação com seu país; os serviços educacionais nacionais podem não suprir alguma demanda na sua formação; ou simplesmente há valorização da cultura, idioma e experiência no exterior. Embora haja diversas razões possíveis para realizar um intercâmbio internacional, permanece o “pré-requisito” da dinâmica global que está sempre voltada ao desenvolvimento comercial internacional.

3.3 A International Sports and Culture Association

Desenvolvida em 1995, a ISCA (Associação de Esportes e Cultura) trata-se de uma plataforma global aberta para organizações que promovem o esporte para todos, o esporte recreativo e a atividade física. De acordo com o

relatório anual de 2020, a associação já possui mais 260 organizações afiliadas, em sua maioria não governamentais. Essas organizações abrangem os cinco continentes, 89 países e mais de 40 milhões de indivíduos membros, os quais representam diversos grupos (ISCA, 2021).

A ISCA compreende o esporte como elemento integral da vida cultural do indivíduo. Nessa visão, considerando que as pessoas também manifestam sua cultura através do esporte, esse, portanto, deve ser promovido em uma perspectiva coerente. Assim, de acordo com o estatuto da ISCA, revisado em uma assembleia geral em 2015, em Copenhagen, apresentamos os seus principais objetivos:

1. Promover um entendimento entre as pessoas, além das fronteiras, através de atividades culturais e esportivas;
2. enfatizar a visão do esporte como portador da identidade cultural local, regional ou nacional e, assim, colocá-lo no centro das trocas internacionais de ideias, pontos de vista e expressões sociais e culturais;
3. incentivar a participação mais ampla possível em atividades esportivas e culturais entre todos os membros afiliados.

Dessa forma, suas ações são desenvolvidas em três áreas principais: as “soluções”, que se baseiam em troca de conhecimentos, ferramentas e estratégias; o Suporte político, a fim trazer atenção e apoio político para promover o esporte para todos; e as campanhas, para encorajar as organizações a enfrentarem a inatividade em nível global, como a campanha *No Elevator Day*, que é um dia sem elevador para áreas comerciais, a *Now We Bike* para áreas externas e cidades, entre outras. Considerando o período pandêmico do Novo Coronavírus, é importante ressaltar que essas estratégias também se adaptaram, como foi feito ao se assumir o formato online para encontros, cursos e eventos (ISCA, 2021).

Em se tratando do sistema organizacional da ISCA, ocorre assistência e ajuda mútua entre as filiadas a partir do formato *umbrela* (guarda-chuva). Dessa forma, o gerenciamento ocorre em cooperação com a ISCA e também entre as instituições. Além disso, a associação é governada por um comitê executivo e nove membros eleitos que se dividem por funções técnicas e

também de forma estratégica de acordo com os continentes. O presidente geral é o dinamarquês Mogens Kirkeby, e a vice-presidente, a brasileira Maria Luiza Souza Dias, gerente do setor esportivo do Serviço Social do Comércio (SESC) de São Paulo e também participante do comitê da ISCA América Latina, também chamada de ISCALA (International Sport and Culture Association of Latin America) (ISCA, 2021).

3.4 O Brasil e a *International Sports and Culture Association*: como tudo começou

Para entender a participação brasileira na ISCA, esse importante veículo de internacionalização, torna-se imprescindível falar da trajetória do Grupo Ginástico Unicamp (GGU), uma vez que o grupo, além da notória representatividade com a GPT, estabeleceu ao longo de sua trajetória relações que abriram muitas oportunidades. Como menciona Sugimoto (2015), “O Grupo Ginástico Unicamp vem exercendo importante papel também em relação à internacionalização da Universidade, processo que vive intensamente desde o início da década de 1990, bem antes de se tornar uma política institucional”.

O GGU iniciou em 1989, por iniciativa das professoras Vilma Leni Nista-Piccolo e Elizabeth Paoliello Machado de Souza, ao receber um folder de divulgação para participar da VI Gimnasiada Americana em Buenos Aires (Argentina). Com esse convite, as professoras responsáveis pelas disciplinas de Ginástica na época convidaram 18 ex-ginastas e ex-alunas de dança para compor o grupo e efetivar a participação no evento, marcando assim o início do projeto e da primeira composição coreográfica (PAOLIELLO *et al*., 2014).

Ainda com cinco anos de existência e já com um grande evento como o Gymnaestrada no currículo, o ponto de partida relevante para uma série de parcerias internacionais foi a visita de um grupo dinamarquês durante uma turnê no Brasil. “Em 1994, o GGU recebeu o grupo dinamarquês de Ginástica de Holstebro – Lemvigegnen (Danske Gymnastik & Idraetsforeninger – Associação Dinamarquesa de Ginástica e Esportes – DGI), sob a liderança de Holger Vestergaard” (PAOLIELLO et. al., 2014). Esse encontro oportunizou a

combinação da segunda participação do grupo no Gymnaestrada, que o correu em Berlim (Alemanha), com uma série de apresentações na Espanha no festival internacional de Ginástica de Alicante, seguido de apresentações em cidades na Dinamarca a convite do DGI (AYOUB; BORTOLETO, 2013). Ainda no mês seguinte, as professoras Elizabeth e Eliana Ayoub do GGU fizeram uma viagem de estudos visitando escolas e universidades na Dinamarca, ainda como extensão do convite aos festivais mencionados (PAOLIELLO et. al., 2014).

Além das participações em festivais na Europa, que continuaram nos anos seguintes, Holger Vestergaard, diretor de Relações Internacionais do DGI na época e figura importante na fundação da ISCA, foi o grande intermediador para efetuar os contatos que resultaram na filiação da Unicamp à ISCA (PAOLIELLO et. al. 2014). Além disso, podemos mencionar outro fato que pode ter contribuído para que essa filiação se tornasse mais efetiva além das ações posteriores. Em 1998, a professora Elizabeth participou de uma reunião em Vila La Angostura na Argentina para formar o Comitê Latino-Americano da ISCA, no qual assumiu a presidência, além de integrar o comitê executivo da ISCA (AYOUB; BORTOLETO, 2013) durante 15 anos.

Nesse aspecto não podemos deixar de mencionar os espaços de intercâmbio oportunizados no Brasil mediante todas essas ações. Portanto, o Fórum Internacional de Ginástica Geral, hoje Fórum Internacional de Ginástica Para Todos (FGPT), desempenhou um importante papel.

> Dentre tantos eventos acadêmicos organizados, não temos dúvida de que o principal espaço para intercâmbio de conhecimentos sobre a GG e também de promoção do GGU é o “Fórum internacional de Ginástica Geral” (FIGG), realizado a cada dois anos, desde 2001. Esse encontro teve como precursor o “Fórum Brasileiro de Ginástica Geral”, realizado em 1999 na Unicamp, em parceria com o SESC-Campinas (PAOLIELLO et. al. 2014, p.168).

Esse evento, além de estabelecer as relações no âmbito acadêmico, fundamentou a parceria com o SESC Campinas por intermédio do professor Ernesto Marques Filho, responsável pela área esportiva do SESC na época, e também pela parceria com a ISCA iniciada em 1996, quando a Unicamp se tornou membro dessa organização como a primeira instituição brasileira a se filiar na então recém-criada organização de esportes para todos. Além do fórum

podemos mencionar outras ações, como os *Camps* em parceria com o SESC, com diversas atividades em paralelo com os cursos internacionais, e a abertura para intercâmbios, iniciados em 1997 (PAOLIELLO et. al., 2014).

3.5 Os programas de intercâmbio

O envolvimento brasileiro nas relações estabelecidas por meio da ISCA agregou tanto na participação e produção de grandes eventos esportivos quanto em oportunidades de mobilidade acadêmica no exterior. As ações de internacionalização com bolsas de estudo em escolas na Dinamarca iniciaram pelo programa IYLE, que é um programa da ISCA juntamente com a Academia de Educação Física de Ollerup (GYMNASTIKHØJSKOLEN I OLLERUP, 2020; PAOLIELLO *et al*., 2014).

A IYLE é um programa que oferece bolsas de intercâmbio em um sistema de educação não formal, que tem como objetivo proporcionar a experiência internacional e que vai ao encontro do aprendizado intercultural e do trabalho voluntário através de atividades esportivas. Para Bianconi e Caruso (2004), o ensino não formal está voltado a qualquer tentativa educacional organizada e sistematizada, fora dos quadros do sistema formal de ensino. O sistema formal por sua vez, presente no ensino institucionalizado, é cronologicamente gradual e hierarquicamente estruturado. Outra forma de ensino mencionado pelos autores é o ensino informal, que está ligado ao acúmulo de conhecimentos através experiência diária em casa, no trabalho e no lazer.

O programa iniciado em 1995 recebe todos os anos alunos de diversos países (ISCA, News, 2010). Deste então, o número total de participantes da América Latina contabiliza 291 indivíduos, sendo 118 brasileiros, considerando a listagem da ISCALA com atualização em 2020. Em 2021, o processo de recrutamento para o intercâmbio foi interrompido temporariamente em função das complicações da pandemia do Novo Corona Vírus[5].

[5] Dados fornecidos a partir de contato por e-mail com a presidência da ISCALA.

Ademais, podemos mencionar que outros brasileiros que não compõem a listagem mencionada também conseguiram bolsas nas escolas por outros meios, como o contato direto com as escolas, projetos e outros.

A primeira participação de brasileiros pelo IYLE foi em 1997 com Andrei Ricardo Parmezan e Andresa de Souza Ugaya, na escola dinamarquesa *Gymnastikhøjskolen i Ollerup*. Os alunos eram do Grupo Ginástico Unicamp, coordenado pela Elizabeth Paoliello na época (ASSUMPÇÃO; TOLEDO, 2015; PAOLIELLO *et al*., 2014). Posteriormente as oportunidades de intercâmbio foram ampliadas por meio de uma cooperação da ISCA América Latina com a escola *Gymnastik & Idrætshøjskolen ved Viborg* (ASSUMPÇÃO; TOLEDO, 2015), que é chamada hoje *de Viborg Idrætshøjskole* desde a alteração em 7 de maio de 2019 (VIBORG IDRÆTSHØJSKOLEN, 2020).

Embora o programa IYLE tenha sido desenvolvido pela Escola de Ollerup juntamente com apoio da ISCA, abordamos para esse estudo o intercâmbio em ambas escolas, a de Ollerup e a de Viborg.

3.6 As escolas dinamarquesas na perspectiva da *Folk School*

Folk school, Folk high School, dentre outros nomes, são formas de identificar um estilo de ensino não formal para adultos originado na Dinamarca depois de 1800, idealizado pelo dinamarquês Nikolaj Frederik Severin Grundtvig. Estudioso, religioso, compositor de hinos, historiador, linguista, professor e ativista, viveu em um período de mudanças políticas e de acontecimentos marcantes, como a perda de 40% do território dinamarquês por volta de 1850. Inspirado por sua experiência no *Trinity College* em Cambridge, com a relação entre professores e alunos, Grundtvig passou a implementar suas ideias em 1830 em prol de uma escola voltada para adultos. Estas ideias foram impulsionadas pela aceitação pública, juntamente com o contexto histórico social da época. Assim, a Dinamarca incorporou um sistema educacional duplo, que é a educação regular do estado e a educação “livre” da *Folk school*, entendida como educação complementar (THE ASSOCIATION OF FOLK HIGH SCHOOL IN DENMARK, 2019).

As escolas são residenciais, sem exigências de qualificação para ingressar, e as idades – que partem de 16 anos – são diversificadas[6]. O ensino é baseado na motivação positiva, no diálogo, na igualdade e amizade entre alunos e professores. Pedagogicamente, o professor é livre para montar seu plano de ensino e executar da forma que achar melhor, respeitando as diretrizes. Em contrapartida, os objetivos de uma *Folk School* não se concentram no desenvolvimento de uma habilidade específica ou uma formação especializada, mas sim no ensino para a vida. Os alunos também são livres para escolher os tópicos de interesse sem se preocuparem com o método avaliativo tradicional, o qual está pautado em uma distribuição de notas, na qual o aluno tem, como um dos principais enfoques, atingir a pontuação desejada e alcançar aprovação. Sendo assim, o aluno pode se dedicar a assuntos de sua afinidade ou tentar novos tópicos com desprendimento em relação a resultados (THE ASSOCIATION OF FOLK HIGH SCHOOL IN DENMARK, 2019).

Na Dinamarca esse tipo de instituição tem amparo legal do Estado e também do Ministério da Cultura. Para abrir uma *Folk School* e receber subsídio do governo, é necessário atender aos critérios legais. O valor recebido varia de acordo com a quantidade de alunos (THE ASSOCIATION OF FOLK HIGH SCHOOL IN DENMARK, 2019).

Atualmente existem aproximadamente 70 *Folk High Schools* na Dinamarca, em geral situadas em áreas rurais. Dessa forma, existem diferentes tipos, podendo oferecer uma variedade cursos, disciplinas, viagens de estudos e outros. Algumas delas são classificadas como escolas de “Ginástica e Esportes”, pois, além de dedicarem parte das suas atividades aos conteúdos gerais de uma *Folk High Scool*, parte é direcionada à prática de Ginástica, esportes e atividades externas (THE ASSOCIATION OF FOLK HIGH SCHOOL IN DENMARK, 2019). Embora essas escolas tenham interesses em comum, o trabalho é regido de formas diferentes, o que complica as considerações gerais entre os modelos de ensino (WORM, 1989). Nos tópicos a seguir,

[6] As idades variam de acordo com o tipo e serviço oferecido pela *Folk High School*. Algumas atendem entre 16 e 19 anos de idade, outras entre 18 e 30 anos e até mesmo a maior idade a partir de 60 anos.

apresentamos de forma mais detalhada as escolas dinamarquesas participantes dos programas de intercâmbio pela parceria com a ISCA, e como elas atendem a comunidade internacional de intercambistas.

3.7 A escola de Ollerup

Durante o período entre as guerras, a Ginástica Dinamarquesa foi desenvolvida e idealizada pelo Educador Físico Niels Bukh, que em 1920 fundou na Dinamarca a *Gymnastikhøjskolen i Ollerup*, a primeira escola de Ginástica do país pautada no estilo holístico de ensino, conhecido também como *Folk High School* (BONDE,1994). O método desenvolvido por Bukh partiu de seus questionamentos a respeito do método sueco de Pehr Henrik Ling, o qual passou a incorporar mais vigor aos movimentos rítmicos que fluíam de forma interligada (RILEY, 1984).

No aspecto físico, os exercícios ginásticos visavam promover força e destreza, além resgatar e manter a flexibilidade natural perdida pela rigidez do trabalho no campo, de modo a contribuir ao corpo de forma harmônica e bela (LANGLADE; LANGLADE, 1970). Entre outras características, a Ginástica Dinamarquesa também foi baseada em aspectos ideológicos, como o caráter, espiritualidade, trabalho conjunto e outros (LANGLADE; LANGLADE, 1970). Os exercícios eram sistematizados seguindo as oito divisões: pernas, braços, pescoço, lateral, abdome, dorsal, marcha e *vaulting* (saltos que passa pelo apoio das mãos). A respeito dos aparelhos, Bukh dispensou os diversos instrumentos utilizados no método sueco, usando apenas o espaldar, plintos e colchões (RILEY, 1984).

Além de mobilizar jovens das áreas rurais do país, Bukh popularizou o método ginástico dinamarquês através de suas relações políticas, performances de Ginástica em tours pelo mundo e propagandas (LANGLADE; LANGLADE 1970; BONDE, 2009; BONDE, 2020). Nesse contexto, Bonde (2009) ressalta que a turnê de 1931 pelo mundo serve de exemplo inseparável entre esporte e política, que sem dúvidas trouxe o maior sucesso internacional para a Ginástica Dinamarquesa.

Atualmente, mesmo com a modernização da escola, com novos espaços altamente equipados e surgimento de novos tópicos de ensino, a internacionalização ainda é um forte aspecto da *Gymnastikhøjskolen i Ollerup*. Desse modo, além das performances realizadas no país e no mundo, a escola conta com diversas parcerias e programas que resultam no reconhecimento internacional (BONDE, 2020). No que diz respeito à internacionalização e aos programas educacionais, a *Gymnastikhøjskolen i Ollerup* oferece um programa para estudantes internacionais chamado também de INTAC (International Academy), o qual recebe alunos de diversos países através de parcerias com universidades, escolas, instituições, organizações não-governamentais e organizações voluntárias esportivas internacionais (INTERNATIONAL STUDENTS, 2020).

Esse programa, por meio da parceria com a *International Youth Leader Education* (IYLE), oferece aos alunos uma educação não formal, porém internacionalmente reconhecida pela ISCA e pela União Europeia. Assim, ao encerrar o semestre, o aluno recebe um diploma da escola e um certificado da ISCA de *International Youth Leader* (Jovem Líder Internacional), o qual inclui tópicos especiais para os alunos internacionais, como Organizações Não Governamentais, Idiomas e Estudos Interculturais (OLLERUP INTAC, 2020).

3.8 A escola de Viborg

Inaugurada em outubro de 1951, a escola de Ginástica chamada de *Gymnastikhøjskolen ved Viborg*, visava à “educação para liderança” e “democracia”. Até a década de 1960, os grupos de estudantes eram divididos por gênero, sendo que meninos estudavam no inverno, quando ainda não havia muito trabalho na agricultura, e as meninas estudavam no verão. Ao longo de sua história, a escola manteve sua tradição em formar líderes e instrutores voluntários, por meio de dois pilares principais, que são as “palestras sobre temas atuais e sociais e aulas de canto” e a “educação esportiva e gerencial” (VIBORG IDRÆTSHØJSKOLEN, 2020).

Por volta de 1970, a escola inseriu novos tópicos esportivos além da Ginástica, como caiaque, escalada e fitness. Com o surgimento desses novos conteúdos, o nome da escola foi alterado em 1997 para *Gymnastik- og Idrætshøjskolen Viborg*, que em dinamarquês sugere uma escola de Ginástica e esportes, uma vez que a Ginástica não era o único tópico abordado. Embora o nome tenha se mantido por muitos anos, a discussão a respeito do destaque para a Ginástica deu origem a mais uma alteração, pois a escola trata de tópicos esportivos diversos sem foco específico em Ginástica. Assim, em 7 de maio de 2019, em uma Assembleia Geral, o nome foi oficialmente alterado para *Viborg Idrætshøjskole* (Viborg IH), que identifica uma escola direcionada para esportes de forma geral (VIBORG IDRÆTSHØJSKOLEN, 2020).

3.9 *International Youth Leader Education* – e as suas interlocuções com a publicação acadêmico-cientifico no Brasil

Na literatura, podemos mencionar algumas contribuições a respeito do programa no Brasil. Ayoub e Bortoleto (2013), ao entrevistarem a Professora Doutora Elizabeth Paoliello, relatam previamente o início da parceria com a ISCA e as ações estabelecidas. Paoliello *et al*. (2014) descreveram o percurso histórico e ações estabelecidas por meio do Grupo Ginástico Unicamp (GGU), que estão ligadas surgimento da parceria com a ISCA.

De forma mais aprofundada, visando ao assunto “Internacionalização e formação”, podemos mencionar Assumpção (2013), que, ao analisar a participação da Unicamp no programa IYLE e o impacto na formação de professores, destaca a utilização dos conteúdos aprendidos dentro e fora do espaço acadêmico, tanto por profissionais quanto nas práticas individuais. Assumpção e Toledo (2015) também descrevem aspectos históricos da participação da Unicamp no programa. Além disso, também podemos mencionar trabalhos acadêmicos nas instituições, Fóruns e congressos, como relatos de experiências e textos descritivos. No quadro 1 a seguir, retratamos um esboço das contribuições nos últimos 10 anos para evidenciar a lacuna apresentada por esta pesquisa:

Quadro 1 – Contribuições bibliográfica acerca da IYLE-ISCA

Resumos publicados em anais do Fórum Internacional de Ginástica Para Todos			
Resumo	**Objetivo**	**Metodologia**	**Principais achados** **Referentes à IYLE-ISCA**
Souza (2018)	Trazer aproximações entre as características da Ginástica Acrobática (GACRO) e da Ginástica Para Todos (GPT)	Relato de experiência	Contribuição das experiências vividas na formação, incluindo o programa IYLE.
Dias *et al* (2018)	Relatar a experiência sobre a implementação da Ginástica moderna vivenciada em Ollerup em um estúdio de dança	Relato de experiência	A atividade Gerou curiosidade, mas após a adesão o público se consolidou.
Dias e Silva (2016)	Relatar as experiências adquiridas na prática da Ginástica Moderna de Performance durante o intercâmbio na *Gymnastikhøjslen i Ollerup*/Dinamarca e descrever um pouco de sua metodologia.	Relato de experiência	Nova visão adquirida sobre as possibilidades com a Ginástica e a necessidade de implantar iniciativas no Brasil referente a práticas não competitivas.
Scarabelim e Toledo (2016)	Identificar os aspectos convergentes entre a Ginástica Para Todos (GPT) e a Ginástica Rítmica Dinamarquesa (DRG)	Revisão Bibliográfica	Ambas são modalidades acessíveis, fundamentadas em elementos ginásticos, exigem e ressaltam aspectos estéticos e outros.
Massaro, Toledo e Pizzol (2016)	Descrever uma ação na escola com a GPT, juntamente com a ISCA-MOVELA e o LAPEGI-UNICAMP	Relato de experiência	Ao descrever a ação, estabelece as influências da ISCA, de acordo com eventos realizados em outros países.
Assumpção e Toledo (2014)	Fazer um levantamento acerca de alguns aspectos históricos que envolveram a participação de graduandos da área de Educação Física da UNICAMP (FEF e CE/FCA) no programa IYLE da ISCA	Pesquisa documental e bibliográfica	Entre os anos de 1997 e 2012, foram enviados 53 graduandos (nominalmente identificados), 32 eram do gênero feminino e 21 do masculino, sendo que 38 foram para Ollerup e 15 para Viborg.
Pierin (2014)	Discorrer sobre a inclusão da GPT no Serviço Social do Comércio - Sesc São Paulo e sua relação com o conceito adotado do Esporte para Todos	Relato de experiência	A parceria com a ISCA permitiu ao Sesc, a partir de 2002, promover intercâmbio de instrutores na IYLE, para capacitação e aproximação no movimento gímnico à Ginástica Geral.
Nobre e Martins	Relatar a implementação da modalidade de Ginástica Geral (GG) no Projeto “Esporte Social:	Relato de experiência	Projeto que foi desenvolvido durante o intercâmbio nas disciplinas do programa

(2010)	Uma torcida pela Educação”		IYLE
Lacerda (2010)	Trazer a reflexão sobre a importância dos materiais gímnicos, assim como da infraestrutura do ambiente, para a aprendizagem e aperfeiçoamento da prática da Ginástica	Relato de experiência	a visão dinamarquesa sobre essa questão trata a Ginástica como elemento-chave para o desenvolvimento dos indivíduos, em uma perspectiva lúdica, cultural, de aprendizagem e de relacionamentos
Piazza (2010)	Descrever a experiência de trabalho voluntário com Ginástica Geral num clube de dança e Ginástica Aeróbica e um estudo de campo do contexto gímnico-esportivo	Diário de Campo	Menciona a filiação ISCA na valorização do capital social, e a contribuição do intercâmbio da IYLE na formação profissional
Trabalhos de conclusão de curso			
Silva (2018)	Discutir o desenvolvimento da modalidade gímnica *Teamgym* dentro e fora do continente Europeu	Pesquisa bibliográfica documental	Descreve a experiência com o *Teamgym* no programa IYLE como um ponto de partida para o estudo, além da carência de publicações no assunto.
Godoy (2018)	Elaborar um banco de ideias sobre a utilização de jogos no processo de ensino-aprendizagem da Ginástica de Trampolim	Pesquisa bibliográfica	Utiliza da experiência na *Gymnastikhøjskolen i Ollerup* como fonte de alguns jogos expostos no estudo.
Assumpção (2013)	Diagnosticar quais foram os impactos na formação (pessoal e profissional) de graduandos da área de Educação Física da Unicamp (FEF e CE/FCA) propiciados pelo programa IYLE da ISCA	Análise documental e bibliográfica, e descritiva com aplicação de questionário	especialmente acerca da Ginástica, a vivência impactou num novo entendimento desta área, inspirando transformações no ensino e prática da modalidade
Cavalcante (2010)	Descrever sobre o Esporte Para Todos	Revisão Bibliográfica	Descreve sobre a experiência na Dinamarca com o Esporte Para Todos.
Truzzi (1999)	Abordar uma experiência vivida no segundo semestre de 1998 na *Gymnastikhøjskolen i Ollerup*	Relato de experiência com abordagem descritiva e intuitiva	panoramas sobre o esporte na Dinamarca e descrição da *Gymnastikhøjskolen i Ollerup*
Artigos em revistas e periódicos			
Assumpção e Toledo (2015)	fazer um levantamento acerca de alguns aspectos históricos que envolveram a participação de graduandos da área de Educação Física da Unicamp (FEF e CE/FCA) propiciados pelo programa IYLE da ISCA	Pesquisa documental	Grande participação da Unicamp, grandes colaborações para a formação pessoal e profissional dos graduandos, e a relevância de um projeto de extensão universitária na Ginástica

Ayoub e Bortoleto (2013)	Relatar momentos marcantes da trajetória profissional da professora Doutora Elizabeth Paoliello.	Entrevista	Trajetória do GGU, filiação da Unicamp à ISCA, Participação da Beth na ISCA,início do intercâmbio com a IYLE no Brasil.
Souza e Costa (2021)	Descrever a vivência no programa IYLE desde as aulas à grande performance.	Relato de experiência	Descrição das aulas e contribuições format com a construção performances e apresentações em grandes eventos.

Dessa forma, apesar das importantes contribuições dos estudos mencionados, faz-se presente a necessidade de novas pesquisas para melhor aprofundar e compreender os desdobramentos na Temática proposta, também considerando a participação de outras instituições no Brasil.

4 Metodologia

A pesquisa é um conjunto de ações que visam à **descoberta de novos conhecimentos** em uma determinada área. A **pesquisa científica** consiste em um processo metódico de investigação, recorrendo a procedimentos científicos para encontrar respostas para um problema (PIMENTEL, 2011).

Quanto à abordagem do problema, a metodologia da pesquisa é qualitativa. É uma pesquisa descritiva que explora as particularidades e os traços subjetivos considerando a experiência pessoal do entrevistado.

4.1 Sujeitos da pesquisa

Para o presente estudo, foram selecionados 16 participantes formados pelo programa IYLE, sendo 10 participantes da escola de Ollerup e 6 participantes da escola de Viborg. O maior número de participantes de Ollerup em relação a Viborg se deu pela maior proporção de alunos e pelo maior período de tempo da escola no programa. Embora exista maior expressividade na participação de alunos da Unicamp no programa (ASSUMPÇÃO; TOLEDO, 2015), o estudo incluiu sujeitos de outras regiões do Brasil.

A respeito dos anos de participação dos sujeitos, embora a pretensão inicial fosse distribuir de forma uniforme o número de participantes a partir de 1997, poucos convidados responderam ao contato feito por e-mail, e ainda alguns não se enquadraram nos critérios de inclusão e exclusão. Dessa forma, conforme o quadro 2 a seguir, observa-se o ano de participação, a instituição de vínculo no Brasil (todas universidades públicas) e a Escola Dinamarquesa em que os respectivos entrevistados estudaram:

Quadro 2 – Participantes do programa IYLE-ISCA

P1	1997	Faculdade de Educação Física-Unicamp (FEF-Unicamp)	Ollerup
P2	1998	Faculdade de Educação Física-Unicamp	Ollerup
P3	2003	Faculdade de Educação Física-Unicamp (FEF-Unicamp)	Ollerup
P4	2006	Faculdade de Educação Física-Unicamp (FEF-Unicamp)	Viborg
P5	2006	Faculdade de Educação Física-Unicamp (FEF-Unicamp)	Viborg
P6	2007	Faculdade de Educação Física-Unicamp (FEF-Unicamp)	Viborg
P7	2010	Faculdade de Educação Física-Unicamp (FEF-Unicamp)	Viborg
P8	2011	Faculdade de Ciências Aplicadas-Unicamp (FCA-Unicamp)	Viborg
P9	2011	Universidade Estadual de Maringá (UEM)	Ollerup
P10	2012	Universidade Estadual de Maringá (UEM)	Viborg
P11	2015	Faculdade de Ciências Aplicadas-Unicamp (FCA-Unicamp)	Ollerup
P12	2016	Universidade Estadual do Pará (UFPa)	Ollerup
P13	2016	Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes)	Ollerup
P14	2016	Faculdade de Educação Física-Unicamp (FEF-Unicamp)	Ollerup
P15	2018	Universidade Estadual de Goiás (UEG)	Ollerup
P16	2019	Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes)	Ollerup

4.2 Critérios de inclusão

a) Ter participado do programa IYLE;

b) Ser formado por um programa de graduação em Educação Física;

c) Atuar ou ter atuado em alguma área que permita abordar a Ginástica, como escola, clubes e outros.

4.3 Critérios de exclusão

a) Nunca ter atuado com a Ginástica após o intercâmbio;

b) Ter desistido do programa antes de finalizar a formação;

c) Não ter realizado nenhuma disciplina de Ginástica nas escolas dinamarquesas.

4.4 Instrumento de coleta de dados

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas para trabalhar na obtenção de informações a partir de questões concretas, previamente definidas pelo investigador.

De acordo com Trivinos (1987), as entrevistas semiestruturadas caracterizam-se como um dos principais meios de que dispõe o investigador para realizar a coleta de dados, pois valorizam sua presença e oferecem as perspectivas possíveis para que o informante tenha a liberdade e a espontaneidade necessária. A fim de investigar a trajetória de formação profissional das professoras, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, focando a relação entre o processo de internacionalização e a aquisição de competências para as aulas de Ginástica, fazendo uma reflexão de sua formação profissional, enriquecendo a investigação.

Para Manzini (2012), a entrevista semiestruturada tem como característica um roteiro com perguntas abertas e é indicada para estudar um fenômeno com uma população específica: grupo de professores; grupo de alunos; grupo de enfermeiras, etc. Deve existir flexibilidade na sequência da

apresentação das perguntas ao entrevistado, e o entrevistador pode realizar perguntas complementares para entender melhor o fenômeno em pauta.

O roteiro de entrevistas foi construído e está disponível no Apêndice B. Para melhor fundamentar as questões e facilitar a organização e a compreensão do pesquisador e do leitor, foi feita uma matriz analítica (Apêndice A), pois permite o entendimento de como se deu a determinação das questões de acordo com os eixos, indicadores e citações bibliográficas, dispostas com linhas e colunas.

O estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Escola Superior de Educação Física (ESEF) – UFPel através da Plataforma Brasil com o parecer de número 4.314.102. Todos os participantes foram voluntários e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, podendo optar ou não pela participação no estudo, conforme disponibilizado no Apêndice D.

4.5 Procedimentos

4.5.1 Fase 1 – aspectos éticos

Esta fase ocorreu durante o mês de setembro de 2020, com o projeto de pesquisa aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas com o número do parecer 4.314.102, conforme disponibilizado no Anexo A. Foi enviada uma carta de apresentação aos participantes da pesquisa por e-mail, conforme se encontra no Apêndice C.

4.5.2 Fase 2 – coleta de dados

Esta fase ocorreu entre os meses de outubro de 2020 e Abril de 2021. Os participantes foram contatados e em seguida foi entregue aos indivíduos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice D). A assinatura do termo pelo participante foi requisito para a participação na pesquisa. Em seguida, foram realizadas e gravadas as entrevistas conforme o roteiro (Apêndice B), com vídeo-chamada via *webconf* – ferramenta de comunicação

on-line que permite o uso de áudio, vídeo e gravação. As gravações tiveram um total de aproximadamente 15 horas.

4.5.3 Fase 3 – análise dos dados

A análise de dados foi desenvolvida entre os meses de janeiro, fevereiro, março e abril de 2021. No processo de construção de interpretação dos resultados, foi utilizada a análise de conteúdo, tomando como base os estudos de Bardin (2011). Esta autora descreve um conjunto de técnicas de organizadas em três fases: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, com inferências e interpretação.

Nesta etapa foi realizada, inicialmente, a leitura dos dados brutos, foram formuladas hipóteses e definidos os indicadores a serem utilizados na fase de exploração do material. Em seguida, foi executada a leitura e, com isso, a codificação e a categorização do conteúdo textual. Ou seja, foi feita a transformação dos dados brutos (unidades de registro ou significação) em temas, sua codificação e a classificação por semelhança ou diferenciação, resultando na composição de categorias (categorização).

Por fim, foram feitas as interferências e interpretações sobre os dados tratados e organizados a fim de decompor o conteúdo e expor qualitativamente os temas que constituíram relações com as falas dos participantes do programa IYLE.

5 Financiamento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – Programa PIB-M/D.

6 Resultados e discussões

Os caminhos escolhidos e as questões levantadas para esse estudo culminaram em um material rico, com experiências detalhadas através dos relatos dos participantes do programa IYLE, além de trajetórias diversas com reflexões únicas deixadas por cada indivíduo.

Tendo em vista o objetivo geral desse estudo, nem todas as falas aparecem nesse documento, para o qual selecionamos as mais relevantes para serem destacadas. Dessa forma, as análises foram divididas em três dimensões principais com seus respectivos indicadores (também listados na Matriz Analítica no Apêndice A), dando origem às categorias de análise. As fases propostas foram:

- Antes do intercâmbio, onde descrevemos tipo de aproximação prévia dos participantes com a Ginástica, bem como as principais motivações para entrada no programa, além dos principais desafios para poder participar do intercâmbio;
- Durante o intercâmbio, onde descrevemos as percepções de ensino e aprendizagem na perspectiva dos alunos participantes, além de destacarmos as principais contribuições na formação dos participantes do programa;
- Após o intercâmbio, onde aprofundamos como os conhecimentos adquiridos pelo programa IYLE vem sendo utilizados no contexto da Ginástica brasileira.

Essa separação em três fases principais teve como intuito discutir o processo de internacionalização em termos de entradas e saídas (KNIGHT, 2003), além do entendimento de um processo contínuo com a ressignificação de conhecimentos e experiências na atuação dos profissionais entrevistados com a Ginástica ao longo de suas trajetórias.

Ao final das três fases, também abrimos um tópico “Interligando as fases do processo”, para melhor expor as principais conexões entre elas.

6.1 Antes do intercâmbio

6.1.1 A experiência prévia dos participantes com a Ginástica

Para início da apresentação dos resultados do presente estudo, foi composto o quadro 3, o qual destaca as experiências dos participantes com a ginástica, e no qual, baseados em Gaio (2010), as reunimos em dois agrupamentos principais: Ginástica não competitiva e Ginástica competitiva.

Quadro 3 – Experiência prévia com a Ginástica

Agrupamentos	**Participante**
Ginástica não competitiva	P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7, P8, P9, P10, P11, P12, P13, P14, P15, P16
Ginástica Competitiva	P2, P3, P4, P5, P6, P8, P9, P10, P14, P13

De acordo com o exposto no quadro 3, todos os participantes afirmaram ter experiência prévia com a Ginástica antes do intercâmbio. O tipo de experiência variou entre os indivíduos.

O grupo “Ginástica não competitiva” abrangeu todos os 16 participantes, já que todos mencionaram a participação prévia em grupos ginásticos de GPT:

P2: “Só conhecia o que via nas Olimpíadas e não era o meu objetivo trabalhar com Ginástica. Mas, na faculdade, logo entrei no grupo ginástico, o GGU, e meu envolvimento foi muito maior com a Ginástica do que em outras áreas”;

P9: “E eu participei durante toda a minha graduação desse grupo de Ginástica Geral da UEM, onde eu fui para duas Gymnaestradas”;

P11: “Meu primeiro contato com a Ginástica, principalmente a GPT, foi na universidade, desde a fundação do Lapegi-Unicamp da Faculdade de Ciências Aplicadas em Limeira”;

P13: “Então eu tive a sorte de encontrar um grupo chamado Labgin (Laboratório de Ginástica) e eu participei desse grupo durante toda a minha trajetória na graduação”;

P15: “Quando soube do programa, estava no grupo de Ginástica Cignus”.

Por vez, essa aproximação com um grupo ginástico durante a graduação geralmente ocorre por meio da extensão universitária, que, de acordo com Nunes e Silva (2011) é uma forma de interação que deve existir entre a universidade e a comunidade na qual ela está inserida. Desse modo, mesmo que os motivos iniciais para entrar no grupo ginástico estejam ligados à prática corporal ou ao aprendizado pessoal, muitos integrantes acabam ampliando seu entendimento sobre a Ginástica, o que potencializa o interesse e o contato com o tema durante a formação acadêmica (SILVA *et al*., 2014).

Essas experiências com grupos ginásticos, além de destacarem o envolvimento com a GPT dos participantes do programa IYLE, também demarcam os grupos como principal veículo onde as bolsas são divulgadas e oportunizadas, embora nem sempre sejam exclusivas para esses grupos. A participação em grupos ginásticos também acaba oportunizando a inserção de integrantes no âmbito científico (Dias, 2016; Scarabelim, 2016; Sousa, 2018), e consequentemente a participação em eventos científicos e em performances ginásticas, que facilitam aproximações a grupos ginásticos internacionais, conteúdos diversos, e possibilita o acesso a oportunidades de intercâmbio na área.

Outro fator relevante que pode estar diretamente ligado ao fato de os participantes da pesquisa terem experiência prévia em grupos de GPT antes do intercâmbio é o processo de seleção dos participantes para as bolsas nas escolas dinamarquesas. Embora as escolas dinamarquesas não definam pré-requisitos além da proficiência em inglês, a quantidade de vagas para as instituições brasileiras acaba sendo limitada, e, portanto, acaba ocorrendo uma pré-seleção interna nas instituições que consequentemente prioriza aqueles com maior vivência na Ginástica e áreas afins. Esses critérios de seleção

interna podem variar entre as instituições por meio editais, indicações, acordos e outros.

Ainda referente ao agrupamento “Ginástica não competitiva”, alguns participantes mencionaram outras experiências com a Ginástica, sendo elas escolares com aulas extracurriculares, na aula de Educação Física e outros grupos e projetos com GPT antes da graduação:

P1: “Anteriormente tive uma experiência na escola no sexto ano com uma professora que trouxe a Ginástica e a dança, coisas que a gente nunca tinha vivenciado na escola”

P14: “Meu primeiro contato com a Ginástica foi com Ginástica Geral, a atual GPT na escola, desde a quinta série do ensino fundamental”

P15: “A minha trajetória iniciou quando eu era pré-adolescente aos 11 anos, quando iniciei na GA escola. Mas o local não tinha muito equipamentos e o trabalho se assemelhava mais à GPT”

De acordo com Barbosa-Rinaldi e Pizani (2013), a aquisição dos saberes ginásticos para atuar com o conteúdo ginástico na escola, ainda necessita de melhorias quanto aos aspectos curriculares na formação inicial, além do fato de estes muitas vezes não serem priorizados nos conteúdos curriculares das escolas. Devido a essas questões mencionadas, a Ginástica acaba sendo ofertada em horário extraescolar. Barbosa-Rinaldi e Pizani (2013) ainda fomentam a contribuição da universidade com as escolas, por meio dos projetos direcionados por docentes e discentes com intuito de democratizar o acesso à prática.

Para o grupo “Ginástica competitiva”, foram atribuídos 10 dos 16 participantes que foram elencados por mencionarem experiências prévias em modalidades como a Ginástica Rítmica, a Ginástica Artística, a Ginástica Aeróbica e outras:

P2: “Eu era praticante de Ginástica aeróbica de competição”;

P3:	“Fui dez anos ginasta de Ginástica Rítmica e da seleção Brasileira por oito anos”;
P6:	“Tinha experiência com a Ginástica pois cresci fazendo Ginástica Artística e também fui ginasta de Ginástica de trampolim”;
P14:	“Foi na Ginástica Artística de alto rendimento, onde acabei competindo torneios, campeonatos, incluindo Brasileiros e sul-americanos”.

Nesse agrupamento, é notória a experiência prévia com Ginástica pela maioria dos participantes, mais especificamente anterior ao período universitário e aos projetos de extensão. Assim, podemos sugerir que envolvimento com a Ginástica pode ter direcionado os alunos, devido a suas afinidades, aos espaços com os grupos de extensão e à possibilidade de intercâmbio na área. Para dialogar com esses relatos, contamos com as contribuições de Costa *et al*. (2020), que, ao investigarem os motivos que levam os estudantes a participarem de um grupo ginástico, verificaram que a maioria dos discentes entrevistados interessados em participar dos projetos de extensão que propõem a prática de Ginástica são alunos que já tiveram experiência anterior com a prática. Essa experiência pode se estender desde uma prática de lazer até o esporte de alto rendimento no caso de ex-atletas.

Além disso, para compreendermos essa adesão da prática da Ginástica por participantes que tiveram experiência anterior, consentimos com as colaborações de Sampaio (2017), quando afirma que é muito comum no contexto de ex-atletas de elite o interesse em se tornar futuros técnicos esportivos, buscando, assim, uma formação superior para consolidar sua escolha profissional. Desse modo, para agregar valores e experiências ao longo da sua trajetória acadêmica, o discente acaba se inserindo nos projetos que possam aproximá-lo da prática de Ginástica.

6.1.2 Motivações para participar do programa *International Youth Leader Education*

As motivações que levam um estudante de graduação a participar de um programa de intercâmbio podem ser diversas (ALTBACH; KGHT, 2007). Embora Larsen e Vicent-Lancrin (2002) mencionem que as procuras por intercâmbio feitas por estudantes de países subdesenvolvidos estejam voltadas a suprir as necessidades educacionais do país de origem, estudos feitos no Brasil que consideraram esse aspecto, além de apontar a busca pela aquisição de competências, destacam outros fatores, que inclusive são apontados com maior relevância. No estudo feito por Volpi e Köhler (2017), a principal motivação destacada na pesquisa feita com intercambistas e com um dos grupos composto por 30 brasileiros foi “conhecer uma nova cultura e realidade”.

Quando falamos de um programa de intercâmbio específico voltado para Ginástica e esportes em outro país, ainda não se faz possível atribuir generalidades devido às limitações em produções acadêmicas nesse assunto. Para o programa IYLE, apresentamos a seguir, com o quadro 4, as principais motivações dos participantes entrevistados:

Quadro 4 – Motivações

Agrupamentos	**Participantes**
A experiência internacional	P1, P2, P5, P6, P7, P8, P9, P10, P11, P14, P13, P15, P16
Formação em Ginástica	P1, P2, P3, P5, P6, P7, P8, P9, P12, P13, P14, P16
Relatos de colegas e amigos	P1, P2, P3, P6, P9, P10, P11, P13, P16
As escolas	P1, P3, P9, P15, P16
Profissional	P6, P12, P15
Financiamento	P2, P4, P6
Fórum Internacional de Ginástica Para Todos (FIGPT)	P3, P13

Esses fatores, baseados nas entrevistas, revelam maior destaque para “A experiência internacional”, pois, além de ser mencionada por 13 dos 16

participantes, foi destacada como a principal motivação por P1, P2, P5, P7, P10, P11, P13, P14 e P16. Esse fator está relacionado às experiências proporcionadas por uma vivência internacional, como a imersão em outra cultura, em novos lugares, proficiência em idiomas, entre outros. A experiência internacional foi enfatizada de forma ampla pelos participantes, e a única especificação referente ao país de destino foi feita por P10: “Eu também já conhecia a Dinamarca pela tradição na área da Ginástica, e era uma área que me interessava, então fui com mais esse interesse de conhecer a tradição, a cultura da Ginástica lá na Dinamarca”.

Assim, não houve outras especificações a respeito do país de destino, como a cultura e a língua dinamarquesa, como podemos verificar nas declarações:

P2: “A principal motivação foi viver uma experiência imersiva fora do Brasil”;

P5: “Acho que, em primeiro lugar, o maior interesse era conhecer outro mundo, cruzar o oceano e verificar a existência de outra terra (risos)”;

P14: “(...) pois competi por 10 anos no alto rendimento viajando muito pelo Brasil e América do Sul. Daí surgiu essa vontade de ir para algum país fora do continente”;

P16: “A principal motivação foi sair do Brasil, do que eu conheço, das coisas mais fáceis e me jogar para fora para conhecer outras culturas”.

Esses relatos assemelham-se ao que foi descrito por Oliveira *et al*. (2016), onde a principal motivação para o intercâmbio estudantil foi a busca por novas culturas e em seguida o enriquecimento intelectual e profissional.

Outro fator mencionado por grande parte dos participantes foi a “Formação em Ginástica”, que, embora muito frequente por abranger 12 entre os 16 participantes, foi apontada muitas vezes em segundo lugar (P1; P2; P3; P5; P6; P7; P13; P14) – e em primeiro apenas por P8 e P12. Contudo, denota-

se muita relevância na motivação dos sujeitos, como se percebe nas seguintes declarações:

P6:	“Como eu sabia que as escolas tinham muita prática de Ginástica, já fui com certeza nessa perspectiva de ampliação de repertório de atividades (...)”;
P9:	“aprofundar os conhecimentos para trabalhar no dia a dia com a ginástica”;
P14:	“Embora minha vontade inicial fosse sair do país, o fato de gostar de Ginástica uniu, entre aspas, o útil ao agradável”;
P16:	“por gostar muito de Ginástica e querer aprender mais”.

A motivação voltada para a formação em Ginástica concilia com as afinidades dos participantes, considerando a experiência prévia com Ginástica em âmbito competitivo e também por conta dos grupos de extensão. O desejo por uma formação em Ginástica no exterior, além da busca por novidades e capacidades que agregam no currículo, também parte de uma necessidade de se aprofundar na área, o qual geralmente não é possível apenas com a formação inicial em Educação Física.

Para aprofundar essa análise, concordamos com os estudos de Dias (2019) ao pontuar que, durante a formação inicial, nem sempre é possível um aprofundamento suficiente referente aos conhecimentos ginásticos, devido a algumas lacunas curriculares. Ainda, dialogando com esse assunto, autores como Nunomura e Nista-Piccolo (2003), Bahu e Carbinatto (2016), compreendem que, para ampliar a aquisição desses saberes ginásticos, é necessário, por parte do indivíduo, a busca por formação complementar em cursos, congressos científicos, clínicas de aperfeiçoamento e – como no caso do presente estudo – a realização de intercâmbios.

O fator “Relatos de colegas e amigos”, mencionado por nove dos 16 participantes, evidencia a relevância do ciclo social para a movimentação de informações e sua influência para a adesão às bolsas de intercâmbio

oferecidas. Esse aspecto chama atenção, pois essas relações são destacadas através do convívio nos grupos Ginásticos dos participantes, como colegas, amigos e professores do grupo ou de outros grupos que estabeleceram contato e passaram a trocar informações:

P3: “Meus veteranos do GGU que voltavam da Dinamarca falavam muito bem da Ginástica”;

P6: “Em primeiro momento, foi a curiosidade, pois muitas pessoas do grupo ginástico da universidade iam”;

P9: “porque eu já tinha ouvido outros colegas e amigos, que haviam tido a oportunidade, e daí eu achei interessante”;

P13: “(...) a partir de acompanhar os amigos nas redes sociais e ver colegas da Argentina, do Paraná, pessoas de São Paulo indo para esse intercâmbio, foi quando nasceu a vontade de ir”.

Outro aspecto interessante que reforça essas relações de influência por meio dos grupos ginásticos é o fato de todos os participantes entrevistados mencionarem experiência prévia com Ginástica em grupos de GPT. Dessa forma, podemos olhar essas relações também como frutos de um vínculo social potencializado pelo aspecto sociomotriz desses grupos ginásticos, que, de acordo com Menegaldo e Bortoleto (2019, p. 309):

> (...) compartilhar saberes, ouvir e respeitar, permitem um processo que, com o tempo, pode conduzir a outros aspectos da convivência em grupo, como o sentir-se parte de uma unidade e o sentimento de compromisso, aspectos que estão atrelados, a nosso ver, à voz e abertura concedida para influenciar decisões do grupo.

Outros fatores mencionados, porém com menor frequência, foram: “As escolas”, o “Financiamento” e o “FIGPT”. Embora esses fatores não permitam atribuir generalidades a respeito das motivações dos participantes do programa IYLE, consideramos os apontamentos de Tomazzoni e Oliveira (2013, p. 405) ao declararem que “Renda, tempo e preço da viagem são fundamentais, e os fatores ambientais (vantagens dos programas), qualidade dos serviços de

hospitalidade e da infraestrutura são determinantes para a decisão de realizar a viagem".

Dessa forma, o fator "As escolas", que está direcionado às declarações referente às características como a estrutura, materiais, currículo oferecido e qualidade dos serviços, foi verificado nos apontamentos dos alunos, como na seguinte fala: "(...) o que mais me chamou atenção foi a história da escola dinamarquesa em relação à Ginástica, o currículo que a escola trazia dentro das linhas oferecidas e a estrutura" (P15).

O "Financiamento", como fator que corresponde ao custeio total ou parcial pelo programa, apareceu em três menções (P1, P2, P6). Nos primeiros anos, com uma fase de custeio total pelo programa IYLE, os participantes P1 e P2 mencionaram o financiamento não apenas como fator motivador, mas como fator determinante: "(...) a gente pensava: 'ou a agente vai agora ou não vai dar'. Se não fosse o benefício, eu não iria" (P2). Em outro momento, o qual corresponde a uma fase com o custeio parcial pelo programa IYLE, o financiamento foi mencionado pela participante P6: "Também achei financeiramente mais viável que outras possibilidades, pois, se fosse pagar todas as despesas morando fora, além do curso, sairia mais caro".

Por fim, o "FIGPT" foi destacado por receberem os dinamarqueses durante o evento, gerando um ambiente de aproximação e intercâmbio, permitindo a divulgação da escola, da cultura e Ginástica dinamarquesa (P3), e também por proporcionar a aproximação entre grupos e participantes no evento, ampliando o diálogo e divulgação de informações: "Foi a partir do FIGPT que vim a descobrir, saber mais sobre a possibilidade de um intercâmbio totalmente direcionado ao âmbito da Ginástica" (P13).

6.1.3 Os principais desafios para participar do programa

Nesse tópico, verificamos as principais dificuldades e desafios para participar do programa de acordo com o que foi mencionado pelos participantes, conforme exposto no quadro 5 a seguir:

Quadro 5 – Desafios

Agrupamentos	Participante
Financeira	P3, P5, P7, P8, P11, P12, P14, P15, P16
Proficiência em Inglês	P1, P4, P5, P11, P2
Insegurança	P1, P8, P16
Se ausentar de compromissos	P15
Informações	P13
Não teve	P2, P6, P9, P10

O fator mais frequente foi o “Financeiro”, sendo esse referente aos custos envolvendo passagem, taxas para as escolas, custos pessoais e outros:

P3: “Foi a questão financeira, pois, apesar do subsídio da bolsa, ainda temos que arcar com parte dos custos”;

P5: “Primeiro o financeiro... por mais que ganhava a bolsa, ainda não era cem por cento”;

P8: “Acho que a questão financeira, pois dependia muito dos meus pais, então foi o esforço grande, pois não era um programa barato”;

P15: “De maneira geral, a disponibilidade financeira, pois, mesmo com a bolsa, a gente paga um montante considerável, além da passagem e um dinheiro extra para poder se divertir, fazer uma compra extra do que a escola oferece”.

Nesse aspecto, Volpi e Köhler (2017) investigaram os meios financeiros que alunos intercambistas da cidade de São Paulo receberam para participar de programas de intercâmbio. Dessa forma, o estudo revelou que o auxílio que os alunos receberam não foi apenas um fator facilitador, mas sim determinante referente à participação dos estudantes em um programa de intercâmbio. Nesse sentido, para melhor entender os apontamentos referentes às dificuldades pelo fator financeiro para a participação do programa IYLE, apresentamos no quadro 6 com os meios apontados para subsidiar os custos do intercâmbio:

Quadro 6 – Subsídios para o intercâmbio

Agrupamentos	Participante
Custeio parcial pelo programa IYLE	P3, P4, P5, P6, P7, P8, P9, P10, P11, P12, P13, P14, P15, P16
Custeio de familiares e amigos	P3, P4, P5, P8, P7, P8, P9, P11, P13, P12, P11, P16
Custeio próprio	P3, P6, P9, P10, P12, P14, P15, P16
Custeio total pelo programa IYLE	P1, P2
Custeio da Instituição de vínculo	P13, P12
Bolsa Santander	P14

Como exposto, os meios de financiamento para arcar com os custos do programa variam entre os indivíduos, sendo o principal o custeio proveniente do próprio programa em modo parcial. Esse tipo de custeio é dado para todos os participantes a partir dos anos 2000 até os dias atuais, considerando que, nos anos anteriores, o programa custeava todas as despesas, incluindo passagens aéreas e uma quantia semanal para custos pessoais (*pocket money*)[7], como apontado pelos participantes P1 e P2. Por essa razão, surgem os outros meios provenientes, principalmente do "Custeio de familiares e amigos" e do "Custeio próprio" para cobrir o montante que não é subsidiado pelo programa. Além desses meios, outros subsídios foram pouco mencionados, Tais como "Bolsa Santander[8]" (P14) e "Instituição de vínculo", a qual foi mencionada apenas por P13 e P14: "Conseguimos com muita insistência e pressão um valor de 1500 reais da universidade" (P12);

> Então eu fui até a reitoria, conversei com os secretários, tive contato com a vice-reitora, expliquei a situação, falei que era até mesmo uma possibilidade da Ufes criar uma parceria com Ollerup e se filiar à ISCA. Consegui então um auxílio de passagem que era de 6000 reais (P13).

Ainda que P12 e P13 tenham mencionado um custeio por suas instituições, as falas apresentam grande dificuldade e resistência para conseguir os subsídios, o que demonstra pouca clareza a respeito de um programa específico para dar o suporte ao aluno intercambista, mais especificamente nas instituições federais, às quais todos os participantes da

[7] Informação confirmada pela professora Prof. Dr. Elizabeth Paoliello via e-mail.
[88] O Santander, por meio de suas ações para promover a internacionalização do ensino, apoia por meio de auxílio financeiro estudantes com excelência acadêmica e vulnerabilidade social. Esse suporte ocorre mediante o convênio da Instituição de Ensino Superior ao "Santander Universidades", em que a Instituição é responsável por gerir as bolsas cedidas pelo programa (CARVALHO, 2020).

entrevista eram vinculados. Essa falta de clareza também é explícita em outras falas, em que os participantes afirmaram que não houve nenhum tipo de financiamento por parte de suas instituições para auxiliar nos custos adicionais, como descreve P6: “Não teve apoio financeiro pela instituição, somente a bolsa da IYLE. Tudo que eu pude fazer eu fiz, mas não teve”.

Esse achado não se faz distante dos estudos feitos Tamião e Cavenaghi (2013), nos quais os autores também constataram a ineficiência, em âmbito público, de projetos de apoio à internacionalização para a graduação. Esse cenário com falta de programas de incentivo está de acordo com as características políticas a nível governamental que resultam na falta de uniformidade das ações das Instituições de Ensino Superior no Brasil. Esse fato pode ser entendido através das considerações Miranda e Stallivieri (2017), as quais argumentam que as estratégias de incentivo à internacionalização das Instituições de Ensino Superior no Brasil ainda carecem de diretrizes firmadas e ousadas para que existam ações definidas para melhor inserir o Brasil no sistema mundial de educação.

Além do aspecto financeiro como desafio para participar do programa, foi mencionada a “Proficiência em inglês” (quadro 5), como podemos verificar nas seguintes declarações:

P3:	“Acho que o maior desafio foi a língua, a comunicação com os dinamarqueses. Pensava: ‘como está meu nível de inglês? Será que vou conseguir me expressar e ser entendida?’”;
P11:	“Foi o idioma. Estudei muito para me aprofundar e aperfeiçoar”;
P12:	“Minha dificuldade foi mesmo o inglês, pois não falava muito bem”.

A razão para esse destaque por alguns participantes pode estar ligada ao fato de o inglês ser um pré-requisito para os alunos internacionais nas escolas dinamarquesas. Desse modo, é possível notar uma preocupação por parte dos alunos que mencionaram esse aspecto referente à futura comunicação na escola e nas aulas.

Essa preocupação referente ao idioma não se restringe aos participantes do IYLE, pois pode estar intimamente ligada à fragilidade nacional no ensino de línguas estrangeiras na educação básica e consequentemente afetar a participação de alunos em outros programas de intercâmbio. Essa fragilidade também foi evidenciada por Borges e Garcia-Filice (2016), que, através de estudos voltados ao programa Ciências Sem Fronteiras, constataram que o critério de proficiência em inglês realçou as desigualdades estruturais, com a exclusão de estudantes em sua maioria pobres e negros.

Outro fator foi a “Insegurança” devido ao desconhecido: ir para outro país, ficar longe da família, entre outros:

P3:	“Eu acho que rola uma insegurança, um medo, pois, por mais que seja algo que você queria, você fala: ‘nossa, outro país, outra cultura (...)’”;
P8:	“(...) a questão de insegurança de estar sozinha em outro país totalmente diferente e ter essa experiência sozinha”;
P16:	“A dificuldade de morar em outro país, se eu estava realmente preparado para isso”;

A sensação de insegurança descrita pelos participantes é um sentimento que pode estar presente para esse tipo de experiência: participar de um intercâmbio internacional. Para Coelli (2014), a experiência no decorrer de um intercâmbio também significa a “busca por mais conhecimentos através da vivência do mundo, deixando para trás sua zona de conforto e expandindo seus horizontes e possibilidades”.

Os fatores em menor frequência foram: “Se ausentar de compromissos” já que, em razão do período de intercâmbio em outro país, vem a necessidade de se organizar nesse sentido, além das prioridades pessoais (P15); e “Informações”, que está ligado à busca inicial de informações para participar do programa (P13).

6.2 Durante o Intercâmbio

6.2.1 Percepções sobre o ensino e aprendizagem

As percepções relatadas pelos participantes a respeito do ensino e aprendizagem foram diversas, e as destacamos em 17 aspectos. Esses aspectos foram reunidos em quatro agrupamentos principais conforme o quadro 7 seguir:

Quadro 7 – Subsídios para o intercâmbio

Agrupamentos	Aspectos mencionados	Participantes
As escolas	A importância da estrutura e materiais	P1, P3, P4, P5, P7, P10, P14
	Organização da escola	P9
Os professores	Organização e planejamento das aulas	P1, P4, P5, P10
	Proximidade entre professores e alunos	P1, P6, P14
	Centralidade do professor referente aos conteúdos	P1, P6, P7, P8
	Demonstração	P8, P10
	Formação por experiência	P10
As aulas	Pouca teoria	P3, P5, P7, P11, P13
	Conteúdos variados	P5, P6, P9, P11, P14
	Repertório de atividade e educativos na Ginástica	P4, P5, P9, P6
	Lúdico	P8, P13
	Ensino técnico segregado	P2
	Ensino não direcionado para a base	P15
	Proximidades com a GPT	P16
Os alunos	Engajamento dos alunos	P4, P12, P16

- **As escolas**: “A importância da estrutura e materiais” foi o aspecto mais mencionado, com destaque à segurança e também por conta de ser um facilitador pedagógico para o aprendizado e progressão das habilidades:

> P3: “O que eu via era que, como eles têm uma estrutura muito boa para ensinar a Ginástica e progredir os movimentos, fica mais fácil de se ensinar. Quando se compara ao Brasil, a realidade não é bem essa”;
>
> P7: “O que fica muito didático, fácil, pois lá eu fiz coisas que no Brasil eu

nunca nem tentei, pois não tinha nem espaço adequado; foi a sala e os materiais";

P14: "Na escola pude perceber que, mesmo sem tantas correções de segurança, como estava habituado no Brasil, era possível ensinar os movimentos, pois os equipamentos davam grande auxílio e segurança durante esse processo".

Essa percepção também é relatada por Lacerda (2010) a partir de sua experiência na escola de Viborg e ainda por Assumpção (2013). As autoras destacam a valorização da Ginástica no país e a importância da utilização de materiais de qualidade para desenvolver atividades gímnicas, não apenas restritas ao alto rendimento ou por razões estéticas, mas por proporcionar a prática segura e de qualidade para que os praticantes possam usufruir dos diversos benefícios das atividades.

A seguir, podemos observar com a figura 1 e 2, uma das instalações das escolas de Viborg e Ollerup, respectivamente:

***Figura 1*: *Springsalen* (sala de salto) da escola de Viborg**

Fonte: *https://viborgih.dk/hojskole/faciliteter/springsalen/*

Figura 2: *Springcenter* (sala de salto) da escola de Ollerup

Fonte: https://ollerup.dk/

Por outro lado, é importante mencionar uma realidade comum no Brasil que pode estar diretamente ligada a essa percepção descrita pelos participantes, a partir de frequentes problemas com a infraestrutura e a falta de materiais para desenvolver trabalhos com Ginástica em espaços públicos e privados.

Nessa perspectiva, Boelhouwer e Brandl (2016) fazem uma síntese sobre a escassez dos materiais, aparelhos para se ministrar uma aula de Ginástica com qualidade, abordando a questão até mesmo como um dos desafios quanto à metodologia de ensino em um projeto de ginástica na escola. Além disso, é importante salientar que essa situação de aparelhos com qualidade ruim, ginásios precários, não se estendem apenas ao âmbito escolar, mas também ao esporte de rendimento, em que muitos se preparam para as competições com dificuldades. Na reportagem de jornal d' O Diário da Região (2018), afirma que, além dos desafios tradicionais com que os ginastas lidam para trazer resultados das competições, têm que enfrentar a estrutura precária e a falta de manutenção dos aparelhos de treinamento.

Ademais, quanto às instituições de formação, poucas possuem uma estrutura de ponta capaz de possibilitar o acesso a espaço, materiais e

aparelhos de qualidade. Assim, esse contraste de realidades que podemos observar pela ênfase nas entrevistas também reforça percepções sobre as necessidades pedagógicas presentes em nossa realidade, as quais vão além de formação conhecimentos ginásticos. Ter acesso a outros facilitadores também agrega confiança e pode estimular os profissionais que muitas vezes se esforçam para manter a segurança dos alunos ao iniciarem movimentos mais “arriscados”.

A “Organização da escola” com as aulas, conscientização dos alunos, disciplina, foi destacada apenas pelo participante P9: “(...) foi possível perceber que a disciplina e o rigor dinamarquês são bem maiores que o nosso brasileiro, então a questão de conscientizar os alunos da importância da escola, dos professores, do respeito (...)”. Embora o aspecto organização tenha sido destacado apenas por P9 no que refere à escola, as palavras disciplina, organização e sinônimos também apareceram em outros agrupamentos que serão observados a seguir, o que traz uma percepção muito mais ampla dessa característica que pode estar relacionada a fatores culturais inseridos na construção do saber.

- **Os professores**: Nesse agrupamento, ganha destaque a “Organização e planejamento” das aulas, como nas seguintes falas:

P1:	“Em relação ao ensino, eu achei muito bem planejado: você via que existia um planejamento, um conhecimento desses professores, eles dominavam aquilo que falavam, era muito organizado mesmo”;
P4:	“Eles viviam aquilo com muita intensidade, desde o planejamento das atividades, execução e o pós”;
P10:	“Percebia que eles são bem sistemáticos, seguindo o protocolo bem certinho, deixando as etapas das aulas bem marcadas”.

Essa preocupação e envolvimento do professor com o conteúdo pode ser explicada por um aspecto comum entre professores de *Folk High Schools,* pois, embora “apenas alguns tenham formação específica por ensino formal, a

maioria são acadêmicos ou profissionais que são apaixonados e dedicados a sua área de atuação" (THE ASSOCIATION OF FOLK HIGH SCHOOL IN DENMARK, 2019). Além disso, ao considerar a importância de um bom planejamento para alcançar os objetivos pretendidos nas aulas, Castro, Tucunduva e Arns (2008) afirmam que é através do planejamento que o professor vai delinear suas ações para o alcance desses objetivos pretendidos e, portanto, é um aliado.

"A proximidade entre professores e alunos" pelo relacionamento em classe e extraclasse foi mencionado por alguns participantes:

P1: "Os professores e as professoras eram muito legais e eu via uma relação muito amigável";

P6: "Outra coisa achei muito bacana foi a forma que os professores tratavam os alunos. Sempre muito educados, preocupados com a gente (...)";

P14: "Também me chamou atenção a proximidade do professor com o aluno, onde me sentia confortável e perguntar, pedir ajuda (...)".

A percepção dos participantes a respeito das relações professor/aluno pode ser entendida através da perspectiva do estilo de ensino de uma *Folk High School*, onde esse relacionamento amigável e de igualdade é um aspecto característico desse estilo de ensino (BABAJEVA, 2012; THE ASSOCIATION OF FOLK HIGH SCHOOL IN DENMARK, 2019).

Nesse sentido, podemos destacar a importância da relação professor/aluno no processo de ensino/aprendizado, uma vez que o aprendizado não depende apenas do processo formal (conteúdo, atividades e outros). A qualidade da relação também influencia o aprendizado integral (não apenas os conteúdos explicados) (MORALES, 2001), que envolve, nesse caso, como podemos apontar, o amor pela Ginástica, o respeito ao próximo, a valorização de um espaço coletivo e agradável, entre outros.

“A centralidade dos professores referente aos conteúdos” foi mencionada, dado que as propostas e as atividades partem do professor, sem muito incentivo à criação e independência do aluno. Estas foram características destacadas referentes às aulas de Ginástica:

P1: “Nas aulas tinha muito a questão da repetição sem muito espaço para a criatividade. Era o aprendizado das sequências, uma Ginástica tradicional”;

P6: “As atividades eram muito centradas no professor, tendo em vista as escolhas de atividades, música para performance, o tipo de movimento e tudo mais”;

P7: “Eu acho que o ensino era mais centralizado no professor no sentido de não resolver problemas, de não descobrir por si só os movimentos ou não pensar sobre aquilo”.

Por outro lado, o estímulo a respeito da criatividade e a centralização no aluno pode ser percebida em outras disciplinas: “Em relação à centralidade do ensino, tive disciplinas totalmente voltadas ao aluno, como *Outdoor Life*, onde fazíamos atividades fora da escola (...)” (P8).

Tendo em vista esses apontamentos, vale ressaltar que as variáveis que norteiam o trabalho pedagógico são alvo de discussão na literatura. Embora seja complexo definir o modo “mais adequado” para transmitir um determinado saber, podemos expor algumas considerações. Referente à centralidade no professor como o responsável principal quanto às tomadas de decisões, dialogamos com Jacob (2013) sobre a importância de uma relação entre o aluno e o objeto de conhecimento, mediado pelo professor, podendo ocorrer um estado de bem-estar, que possibilita a aquisição do conhecimento de uma forma muito mais agradável.

Sobretudo, também dialogamos com Remonte (2014) acerca da centralidade como aspecto tradicional da Educação Física. O autor enfatiza que a tradição pedagógica se mantém mesmo quando em situações de

oposição à tradição do conteúdo, ou seja, mesmo incorporando vertentes "lúdicas", a centralidade se mantém quando o professor é o centro da proposta e condução do processo.

"A demonstração", mencionada por P8 e P10, diz respeito à orientação com demonstração das habilidades por parte dos professores:

P8: "(...) a execução do professor junto com o aluno, e isso para mim foi muito marcante. Todos os professores de Ginástica faziam tudo o que propunham para os alunos, a professora de dança fazia tudo";

P10: "Eles faziam tudo o que ensinavam demostrando".

A utilização da demonstração nas habilidades Ginásticas sinaliza uma formação pautada pela experiência prévia com a Ginástica. Nesse aspecto, ainda podemos destacar a fala do participante P10: "Além disso, a questão da experiência, pois apesar de não serem formados em Educação Física, eles tinham essa vivência muito forte".

Essas percepções destacadas pelos participantes também estão ligadas à formação dos professores de *Folk High Schools*, a qual não depende especificamente de ensino superior, contudo a vivência no que ensinam é característica marcante. Por outro lado, o aspecto de demonstração também pode sinalizar alguma limitação no conhecimento pedagógico, dado que as estratégias de ensino se baseiam na reprodução e apresentam pouca elevação de conceitos.

Nessa circunstância, realçamos alguns apontamentos de Betti (1999) direcionados à demonstração para ensinar movimentos. A autora enfatiza não deslegitimar a demonstração como um recurso de ensino: pelo contrário, se o professor tem condições e habilidades, esse recurso é muito válido. Todavia, a demonstração não se restringe como única forma de ensinar e não significa que o professor sem tais habilidades seja incapaz de dar aulas. Outras formas de orientação podem ser positivas, uma vez que o aluno será estimulado a pensar e não somente reproduzir (BETTI, 1999).

- **As aulas**: Referente às aulas, foi destacada a pouca teoria:

P3:	“Não tinha muitas aulas teóricas, era tudo muito empírico, como na aula de anatomia, por exemplo, que era muito básica”;
P5:	“A percepção que tive é que o que eu tinha aprendido no Brasil em teoria era mais desenvolvido”;
P11:	“(...) quase não tinha a parte teórica” (P7); “Mas na Ginástica achei sensacional principalmente pela prática, mesmo que talvez precise um pouco mais de teoria”;
P13:	“Teoria não era tão aprofundada (...)”.

Em outras palavras, também foi destacado o ensino predominantemente prático:

P5:	“(...), mas em contrapartida toda a parte prática, de conhecimento de educativos, materiais, possibilidades, equipamentos, tudo foi maravilhoso”;
P7:	“Na época eu estranhei muito, pois era muito prático, tudo muito prático (...)”;
P13:	“(...) então era uma escola que procurava transpor desse saber de uma forma mais prática”;

Pouca teoria e ensino prático são duas características diretamente relacionadas, uma vez que as atividades, principalmente as esportivas, são direcionadas à vivência prática. Vale ressaltar que a experiência dos participantes Brasileiros na IYLE, em sua maioria, foi no período de graduação ou em algum vínculo com a universidade após a graduação. O olhar técnico/científico pela base do ensino superior e a busca por aprofundamento teórico podem ter contribuído para um olhar crítico acerca da transposição do saber, apesar de o foco das escolas não ser prioritariamente a qualificação profissional.

“Os conteúdos variados” também foram destaque para alguns participantes. Essa percepção está voltada à possibilidade de cursar disciplinas e atividades que não estão diretamente relacionadas com a Ginástica ou a prática esportiva:

P5: “Também percebi como foi interessante ter conteúdos além da ginástica, como cinema, cultura dinamarquesa e outros, e essas coisas me ajudaram a pensar ‘fora da caixinha’ e ampliar meu pensamento”;

P6: “Tinha também as aulas de Cultura Europeia, aula de Dinamarquês, então era uma visão para além do que ofereciam dentro da Ginástica e esportes”;

P9: “(...) tem disciplinas voltas à questão da cultura, onde tinham aulas de dinamarquês, questão de liderança, que era como abrir uma empresa ou como fazer questão de gestão e como implementar projetos”.

P14: “Além disso, não aprendi coisas somente de Ginástica. Tem vários assuntos opcionais com variados conhecimentos. Aprendi até a fazer crochê na escola”.

Esses apontamentos podem ser justificados pelo estilo de ensino das escolas. Dentre as diversas *Folk High Schools* na Dinamarca, as escolas do tipo esportiva como a de Ollerup e de Viborg, as quais recebem alunos do programa IYLE, separam uma parte dos conteúdos para os esportes e a outra parte para conteúdos variados, o que é típico nesse estilo de ensino (THE ASSOCIATION OF FOLK HIGH SCHOOL IN DENMARK, 2019).

Outro aspecto mencionado que vai ao encontro do ensino prático foi a variedade em exercícios e atividades:

P4: “Achei muito legal a parte do passo a passo para ensinar os movimentos”;

P5: “Então os equipamentos, os educativos, as formas de fazer, eu ganhei

muito em variedade, em ideia, conhecer realmente uma cultura de Ginástica diferente";

P6: "Acredito que pude adquirir algumas habilidades de repertório motor para mim e uma lista de brincadeiras que uso na área que atuo";

P9: "Então na questão de aprendizagem foi legal nesse sentido por que eu vi o novo, como técnicas de como auxiliar na execução de um mortal, de um rolamento, de um flic flac, então as técnicas de auxílio foi muito forte nessa experiência".

Essa variedade de atividades e as "formas de fazer" que são descritas no relato desses participantes evidenciam a contribuição positiva do ensino prático oferecido. Esse aprendizado, embora não seja oferecido por materiais teóricos durante o intercâmbio, pode acrescentar ao conhecimento dos participantes. Nesse sentido, apontamos as contribuições de Godoy (2018), que, a partir de suas experiências no programa IYLE, entre outras fontes, elaborou um banco de jogos para o ensino da Ginástica.

Esse contexto prático também traz aproximações aos relatos históricos no desenvolvimento da Ginástica no Brasil, como na década de 1950, por exemplo, onde tivemos professores europeus que, em parceria com a Escola de Educação Física de São Paulo, ministravam cursos de ginástica para professores de vários estados brasileiros. De acordo com Dias (2019), que coletou relatos de professores que tiveram acessos a esses cursos de aperfeiçoamento técnico, as aulas eram majoritariamente práticas. Assim, mesmo em diferente contexto temporal no qual os alunos brasileiros se deslocam para a Europa, também trazemos os relatos da aquisição de determinados conhecimentos gímnicos de forma prática.

As outras percepções, além de pouco mencionadas, revelaram algumas divergências que podem ser explicadas pelo aspecto temporal, como ocorre na declaração referente a um ensino técnico e segregado: "Eram muito voltados para a performance, no qual dividia a turma por habilidade. Lembro que na primeira aula foi: quem sabe fazer mortal, faz mortal, quem sabe flic faz flic"

(P2). O mesmo participante ainda mencionou: “Isso tem uma explicação, pois um dos objetivos da escola era formar o time de elite que viaja e apresenta em vários locais do mundo. Na época também não tinha a estrutura com colchões e *tumble track* que tem hoje” (P2).

Outras divergências foram identificadas pelas diferenças dentro das disciplinas ou linhas de Ginástica cursadas, onde a participante P15 destaca o ensino não direcionado para a base, e o participante P16 especifica proximidades com a GPT:

> Eu fiz o *Teamgym* e que deixou a desejar no aspecto pedagógico para a base. Para determinadas linhas seria necessário um background, uma coisa que já não achei quando fiz uma aula em outra linha, o *Tumbling X,* onde o professor dava essas instruções onde eu estava, onde eu precisava chegar (P15);

> Escolhi uma linha chamada *Tumbling X*, que era bem parecida com a GPT, pois a gente não competia, não treinava a mesma coisa, buscávamos novas experiências para agregar de forma coletiva, então acredito que era a linha mais próxima da GPT que a gente tinha (P16).

Por fim, considerando as principais percepções mencionadas, não foi possível destacar diferenças entre o ensino das escolas. As divergências parecem se destacar mais por motivos temporais e entre disciplinas de Ginástica diferentes cursadas na mesma instituição, que é uma característica da escola de Ollerup.

- **Os alunos**: “Engajamento dos alunos” nas propostas das aulas, onde é destacada a aceitação dos alunos, o envolvimento, a pró-atividade na organização da aula e dos equipamentos:

P4:	“Lá eu vi uma aceitação maior dos alunos em relação aos professores e também muita dedicação de ambos os lados. Aprendi muito como aluna”;
P12:	“Muito diferente do Brasil, dentro do que vejo nas aulas da universidade. Pude perceber muito mais compromisso e envolvimento

inserido de forma cultural";

P16: "Eles são muito disciplinados, compromissados, não esperam que mandem fazer as coisas e já vão fazendo".

O engajamento dos alunos reflete valores inseridos culturalmente na sociedade dinamarquesa, como a confiança, honestidade e a comunidade. Esses valores fazem parte da vida cotidiana e se materializam tanto em pequenas atividades do comércio ou em escolas quanto em atividade de níveis mais complexos, como o sistema político do país (PEOPLE AND CULTURE, 2021). Tendo em vista o contexto das escolas, Souza e Costa (2021), ao descreverem sobre o processo de montagem das performances, também enfatizam a inserção desses valores durante o processo, com o reforço do trabalho para o bem comum.

6.2.2 As principais experiências no aspecto pessoal e profissional

As experiências vividas em um intercâmbio internacional são diversas e impactam nos diversos aspectos da vida do aluno, pois podem repercutir ao longo de sua trajetória. Nesse contexto, concordamos com Reschke e Bido (2017), pois destacam que esse tipo de experiência pode resultar em diversos momentos de aprendizagem não só na área específica do estudante, mas também na superação das dificuldades pessoais, linguísticas, de amadurecimento e de mudança de paradigma quanto à visão de mundo e do seu próprio país.

Dessa forma, visando destacar as principais experiências descritas pelos participantes entrevistados nesse estudo, elencamos três agrupamentos principais de acordo com o quadro 8:

Quadro 8 – Principais experiências no aspecto pessoal e profissional

Agrupamentos	Aspectos mencionados	Participante
Aspectos pessoais	As amizades	P1, P2,P3, P10, P14, P15

	A experiência internacional	P2, P5, P6, P8, P10, P16
	O amadurecimento	P4, P6, P9, P11
Aspectos profissionais na Ginástica	O ensino na Ginástica	P1, P3, P7, P8, P9, P10, P11, P12, P14, P15, P16
	O entendimento na Ginástica	P3, P5, P7, P13
	As performances	P5, P6, P13
Outros aspectos profissionais	Proficiência em inglês	P7, P9, P14, P15
	Ter a formação internacional no currículo	P2, P7, P9, P12
	Formação de liderança	P5, P9, P16
	Organização e planejamento	P4
	As aulas teóricas sociais	P15

- **Aspectos pessoais**: Nesse agrupamento, “As amizades” foram mencionadas como relacionamentos de grande importância durante o intercâmbio:

P1: “No aspecto pessoal foram as amizades, pois é sempre algo que pode transformar o espaço hostil em um espaço de acolhimento, solidariedade”;

P2: “(...) e sem dúvidas a questão humana, pois as amizades que fiz lá tenho até hoje”;

P3: “Apesar de algumas dificuldades, as questões de relacionamento foi uma das melhores coisas”;

P10: “(...) e algumas amizades que eu fiz, pois ainda trocamos mensagens, a gente se lembra nos aniversários, isso é muito bom”.

P14: “(...) fiz muitas amizades, muitas trocas e tudo isso foi uma alavancada na minha vida”.

Desse modo, as falas dos participantes evidenciaram a importância dos laços de amizade, não somente pelas trocas proporcionadas, mas pelas interações que favoreceram na adaptação durante o processo e contribuíram na construção de memórias afetivas. Além disso, alguns vínculos permaneceram após o intercâmbio proporcionando trocas de afeto, *network*, ou simplesmente em eventuais resgates de boas memórias no período do intercâmbio.

Considerando que o cotidiano em um ambiente internacional também significa lidar com mudanças e diferenças, o que muitas vezes pode trazer desconfortos no processo de adaptação, podemos entender que esse processo também é o meio pelo qual o intercambista amplia sua visão de mundo agregando comportamentos e valores (PÉRICO; GONÇALVES, 2018). Nesse aspecto, as amizades desempenham um importante papel, pois “retratam o afeto e outros sentimentos que ajudaram nos momentos de desafio, como a saudade da família e as diferenças culturais” (MEDEIROS; ANDRADE; PASSOS, 2017, p. 375).

Abaixo, podemos observar na figura 3 um registro com diversos momentos interativos entre os alunos:

Figura 3: Semana *Kultur* 98 - Compilação feita pela professora Hanne Birkedal no encerramento da semana cultural com as imagens capturadas ao decorrer da semana, em Ollerup, 1998[9].

Fonte: Acervo pessoal[10].

“A experiência internacional”, mencionada de forma abrangente no aspecto pessoal, está ligada às diversas experiências e aprendizado por estar em outro país:

[9] A semana cultural foi composta por diversas atividades inspiradas pelos alunos internacionais e oferecidas para os alunos dinamarqueses e comunidade local. A programação incluiu *Workshops* e apresentações culturais (TRUZZI, 1999).
[10] Imagem cedida por um participante.

P2: “O melhor para mim foi a experiência e trazer essa bagagem internacional (...)”;

P5: “Essas coisas aumentaram minha sensibilidade, pois viver e aprender sobre essa dimensão cultural influenciou em todos os aspectos da minha vida”;

P8: “Pessoalmente é o que mais fica: lidar com uma cultura totalmente diferente da nossa”;

P10: “No aspecto pessoal, foi a experiência por ir para um país nórdico pelas questões de desenvolvimento, pelo respeito a crianças, idosos, o senso de coletividade”;

P16: “Aprendi muito pelo interesse de fazer acontecer, a própria honestidade que fez um país dar tão certo, e isso é reflexo também da educação e que reflete em um país como um todo”.

Nesse aspecto, a experiência internacional também foi mencionada pelo contato com o novo e pelas histórias únicas e memoráveis contadas pelos seus protagonistas:

P5: “Outra coisa, também, foi quando pulei no lago congelado. Lembro perfeitamente e foi bem assustador (risos). Lembro do professor andando com um machado e aí ele falou: - Olha, pessoal, vai começar aqui. Daí ele começou a socar o lago com o machado e abriu um buraco ali, e aí a gente tinha que pular e ir para a sauna quente”;

P6: “Uma experiência pessoal incrível foi a primeira vez que vi neve. Falava para todo mundo que eu queria muito ver neve, e um certo dia, enquanto alongávamos na aula, minhas colegas chamaram meu nome e disseram: *Look, it’s snowing*! Saí correndo e grudei no vidro maravilhada. Me virei emocionada e chorando e todo mundo chorou junto comigo”;

Esse destaque dos participantes traz uma importante perspectiva ao pensar o intercâmbio internacional, uma vez que esse tipo de oportunidade não se restringe apenas à aquisição de competências profissionais, pois "é também uma oportunidade de conhecer lugares novos, vivenciar diferentes culturas e desfrutar do turismo de lazer" (TOMAZZONI; OLIVEIRA, 2013).

Figura 4: *Ski trip* da tuma F18 de Ollerup, Noruega, 2018[11].

Fonte: Acervo pessoal

"O amadurecimento" também mencionado, está atribuído ao sentido de desenvolvimento a partir das diversas vivências proporcionadas pelo intercâmbio:

P4:	"Além disso, acho que é o amadurecimento, pois foi a primeira vez que estava sozinha longe da família. Lembro que voltei mis confiante em mim mesma e foi uma época que eu fui muito feliz, foi uma das melhores experiências da minha vida";
P6:	"Acho que essas experiências pessoais são muito boas, pois elas perpassam um amadurecimento pessoal de falar: 'eu sei morar fora,

[11] A viagem para uma semana com curso de *Ski* foi parte da programação da escola de Ollerup no primeiro semestre de 2018.

	eu sei ficar longe da família, eu consigo fazer amizade, consigo visitar outros lugares’”;
P9	“E no pessoal o amadurecimento que toda essa experiência dá, pois foi a primeira vez que fiquei tanto tempo fora da casa dos meus pais e do país”;
P11:	“Pessoalmente eu amadureci muito, aprendi a lidar com o diferente, ser mais independente”.

A partir das declarações, podemos perceber que o amadurecimento está pautado nos diversos aspectos, como o aprender a lidar com a nova realidade, o autodescobrimento, o estar longe da família e país de origem, nas relações e nas diferentes situações nunca antes vivenciadas. Esse achado também se assemelha ao de outros estudos que evidenciam o amadurecimento pessoal como elemento característico da experiência de um intercâmbio (TOMAZZONI; OLIVEIRA, 2013; MEDEIROS; ANDRADE; PASSOS, 2017; VOLPI; KÖHLER, 2017).

- **Aspectos profissionais na Ginástica**: Nesse agrupamento, ganhou destaque “O ensino na Ginástica”, o qual foi o mais mencionado dentre as principais experiências:

P1:	“No plano profissional, aprendi muito sobre didática, ensino, organização, aprendi o quanto um espaço organizado, de qualidade e com materiais é importante no aprendizado da Ginástica e na segurança”;
P3:	“Estar lá me fez uma profissional diferente, ter novas estratégias para a iniciação a Ginástica e para o ensino superior”;
P7:	“Também aprendi muitas técnicas de ensino, de ajuda manual, exercícios, brincadeiras de fortalecimento principalmente. Voltei com um arsenal de brincadeiras muito grande”;
P15:	“O jeito que eles faziam e ensinavam agregou muito no meu trabalho

de GPT, pois, como se tratava de um grupo com diversidade técnica, exigiam nas apresentações e nas aulas essa sintonia";

"O entendimento na Ginástica" reuniu apontamentos referentes à ampliação da perspectiva sobre a Ginástica:

P3: "Por viver em um ambiente competitivo, não sabia que teria coisas muito diferentes dessa realidade. Estar lá me ajudou nessa nova perspectiva";

P5: "Para mim foi uma experiência que agregou no profissional, pois ter ido no *Landsstævnet*[12] e ter essa dimensão do que é a cultura da Ginástica é algo que trago para meus alunos da disciplina de Ginástica hoje";

P7: "Na Ginástica foi a compreensão das Ginásticas no mundo e também a diferença da percepção de Ginástica Para Todos";

P13: "Essas coisas somaram muito, pois pude perceber que a ginástica vai muito além de só GA e GR. Você também abre os horizontes, pois pode perceber que a ginástica não precisa ser só competitiva. Aqui temos a GPT, mas não é tão difundida. Lá também vemos homens praticando a ginástica sem nenhum preconceito, idosos, mulheres".

O ensino e a ampliação sobre o entendimento na Ginástica trouxeram uma nova concepção sobre as possibilidades na área. Os apontamentos feitos pelos participantes também reafirmam as considerações de Assumpção (2013), pois a autora também destaca que a vivência da IYLE impactou num novo entendimento e influenciou no ensino e prática da Ginástica.

[12] O *Landsstævnet* é o maior evento esportivo da Dinamarca, sendo realizado a cada quatro anos e organizado pelo DGI (Associação Dinamarquesa de Ginástica e Esportes). Inicialmente em 1862, o evento era uma convenção de tiro, da qual posteriormente a Ginástica passou a fazer parte, ampliando suas atividades. Nos anos seguintes, outras modalidades foram ganhando espaço, e atualmente o *Landsstævnet* reúne milhares de dinamarqueses em uma cidade-sede para realizarem diversas apresentações e atividades com mais de 30 modalidades esportivas (OM LANDSSTÆVNET, 2021).

Ainda sobre esse entendimento, mesmo que todos os participantes da pesquisa tenham tido contato prévio com Práticas Gímnicas, ao menos em grupos de GPT, uma realidade presente no ensino superior ainda reflete as limitações sobre a ampliação das perspectivas na área da Ginástica. Carbinatto *et al*. (2017) relatam, sob a ótica de docentes do ensino superior, que alunos chegam à universidade com compreensão limitada das possibilidades da Ginástica, que muitas vezes são pautadas pela mídia, pelas academias e pelo circo. Além disso, os autores ainda salientam que docentes, muitas vezes, se baseiam na perspectiva técnica ao ministrarem disciplinas, e poucos se preocupam com uma visão mais ampla do ponto de vista pedagógico. Assim, podemos realçar, com esse cenário e os achados do presente estudo, a potencialidade de experiências como do programa IYLE para a formação na Ginástica.

"As Performances", além de estarem ligadas a um grande evento, são mencionadas pela experiência durante o processo de montagem, pelo aprendizado e o sentimento de pertencimento dos alunos:

P5: "Participar do festival nacional, o *Landsstævnet*, foi incrível, pois até ali eu nunca tinha visto tanta gente fazendo Ginástica na minha vida";

P6: "As apresentações que fizemos foram muito bacanas, pois, quando tinha os eventos para o público externo, proporcionava a sensação de pertencimento... consolidava eu ser parte daquilo";

P13: "Algo me marcou muito: as apresentações que eram feitas em grandes grupos. Quando a gente saía e se deparava com os ginásios lotados para assistir uma performance, me chamou muita atenção, pois nós sabemos que no Brasil a ginástica não é valorizada dessa forma, nessa mesma intensidade".

Como ressaltado pelos participantes, podemos destacar que fazer parte desses eventos e se apresentar com as performances em grupo oportuniza um ambiente de grande riqueza para o aprendizado. Nesse sentido, Souza e Costa (2021), através de um relato de experiência, descrevem o processo de

montagem das grades apresentações da escola de Ollerup e enfatizam as contribuições no aprendizado tanto pelo processo de montagem, quanto pelas apresentações e festivais.

Essas informações também vão ao encontro das considerações de Patrício e Bortoleto (2015), nas quais afirmam que esse tipo de experiência “é um mundo de novos conhecimentos e vivências, como dividir alojamento, ter acesso à visão ginástica de outros países, conhecer novas pessoas e novas culturas, entre outras oportunidades”. Tendo em vista esse ambiente enriquecedor, é possível destacar as contribuições no âmbito formativo dos sujeitos envolvidos (ginastas, professores, organizadores, instituição), tanto no âmbito profissional quanto pessoal, pela construção coletiva, pelo sentimento de pertencimento, pela apreciação de outros trabalhos, pela construção de uma visão crítica para as possibilidades com a Ginástica, entre outros (PATRÍCIO; BORTOLETO, 2015).

Figura 5: Festival *Landsstævne* em 2006, em Haderslev, Dinamarca.

Fonte: Arquivo pessoal.[13]

[13] Imagem cedida por um participante da escola de Viborg.

Figura 2: Festival de encerramento na escola de Ollerup, 2016, Ollerup, Dinamarca.

Fonte: Arquivo pessoal.[14]

- **Outros aspectos profissionais**: Nesse agrupamento, foi destacada a "Proficiência em inglês" como um dos principais aspectos no âmbito profissional:

P7:	"Um dos maiores ganhos foi que eu perdi o medo e falar inglês e foi muito rápido, pois desenrolei a fala. Depois foi mais estudando e corrigindo algumas coisas para melhorar";
P9:	"também o aperfeiçoamento da língua inglesa";
P14:	"(...) o meu inglês que sou fluente hoje";
P15:	"Outra coisa foi aprender o vocabulário técnico da ginástica no inglês".

A ênfase para a proficiência em inglês trazida pelos participantes pode estar ligada a algumas razões: tanto referentes às limitações prévias no domínio do idioma, como mencionado pelos participantes em relação ao período anterior ao intercâmbio, quanto pelas vantagens com o

[14] Imagem cedida por um participante da escola de Ollerup.

reconhecimento profissional e acadêmico. Esse apontamento como umas das principais contribuições do intercâmbio também é evidenciado em outras áreas, uma vez que o multiliguismo, em especial com a hegemonia da língua inglesa, é um aspecto valorizado pela “ampliação do capital intelectual, social e material” (LIMA; RIEGEL, 2010, p. 194).

“Ter a formação internacional no currículo” também foi um aspecto destacado:

P2: “Profissionalmente foi a questão de fazer uma atividade internacional, que, para o brasileiro, se torna muito relevante e agrega muito no currículo”;

P7: “No currículo também contribuiu muito, pois só por ter estudado na Dinamarca em uma escola de Ginástica já abria portas”;

P9: “Além da experiência internacional pela oportunidade de fazer um intercâmbio, que conta positivamente no currículo”;

P12: “Profissionalmente graças ao intercâmbio, foi o que subiu a minha nota na análise curricular para o emprego em que estou até hoje”.

O diferencial mencionado pelos participantes dialoga com a realidade de competitividade do mercado de trabalho, onde a formação no exterior agrega um conjunto de competências socialmente valorizadas. Esse diferencial também é destacado por Tamião e Cavenaghi (2013), onde os autores mencionam a bagagem cultural, a proficiência em idiomas, a *network*, a vontade de mudanças e outros. Dessa forma, os autores ainda destacam que o intercâmbio internacional é um fator de diferenciação que agrega positivamente ao currículo profissional e, consequentemente, traz uma melhor colocação no mercado de trabalho.

Outro aspecto mencionado foi “A formação de liderança” – em outras palavras, a formação de jovens líderes que é oferecida pelos programas:

P5: “A formação de liderança agregou muito, e hoje sei que sou líder

esportiva, pois aprendi como organizar, separar funções, estipular metas, estipular funções entre pessoas";

P9: "A questão de aprender outras coisas, como na disciplina de gestão e projetos, que ensinava sobre como criar um projeto de extensão ou projeto de ensino quando eu retornasse à instituição (...)";

P16: "(...) organizar projetos, liderar projetos, ampliar nossa visão do mundo e do que a gente pode fazer".

A formação de liderança ou de jovens líderes é uma característica marcante do programa IYLE, pois está pautada em um dos seus principais objetivos, que é proporcionar, através de uma esfera intercultural, a formação de voluntários para atuar por meio de práticas esportivas.

Por fim, os agrupamentos poucos mencionados foram: a "Organização e planejamento" (P4) a partir das competências adquiridas para autoorganização e planejamento de aulas, que, embora não evidenciado por outros participantes como contribuição no aspecto profissional, foi algo percebido a respeito do ensino e aprendizado nas escolas. Também surgiu o item "As aulas teóricas sociais" (P15), que diz respeito aos conteúdos teóricos tratados na linha de *teamgym* sobre trabalho em equipe, coletividade; contudo, a fala do participante se restringiu à linha cursada, sem maiores especificações.

6.3. Após o Intercâmbio

Todo o aprendizado, as mudanças do próprio indivíduo e as transformações e ressignificações feitas são aspectos recorrentes, pois se desenvolvem ao longo do tempo, compreendendo os espaços onde o indivíduo se insere. Para Coelli (2014), essas mudanças no próprio espaço "proporcionam transformações em um grupo de indivíduos que fazem parte do cotidiano dos ex-intercambistas que transmitiram o conhecimento buscado lá fora, agregando valor à comunidade envolvida".

Nesse aspecto, embora muitos sejam os espaços possíveis e passíveis para intervenção e contribuição dos indivíduos que voltaram do intercâmbio internacional, restringimos esta observação a alguns espaços, como a instituição de vínculo quando participaram do intercâmbio e os espaços profissionais dos participantes, a fim de alcançar os objetivos propostos por este estudo.

6.3.1 Contribuições a partir da instituição de vínculo

Com a formação do IYLE concluída e com o retorno do participante para o Brasil, apresentamos no quadro 9 as principais contribuições para a instituição de vínculo:

Quadro 9 – Contribuições na instituição

Agrupamentos	**Participante**
Aulas, oficinas, cursos	P1, P2, P3, P4, P5, P7, P8, P9, P10, P11, P12, P13, P14, P15
Produções acadêmicas	P1, P2, P4, P5, P8, P9, P10, P11, P12, P13, P14
Palestras	P7, P12, P16
Aproximação ISCA – Universidade	P13
Planeamento de viagem do grupo Ginástico	P15
Não teve	P6

De acordo com o quadro 9, é possível perceber que a maior parte dos participantes contribuíram de alguma forma com os conhecimentos adquiridos no exterior em sua instituição de vínculo. A maneira como essas contribuições acontecem também evidencia os espaços mais impactados, como fica evidente nas falas referentes ao agrupamento “Aulas, oficinas, cursos”, o qual ganhou destaque nessa categoria:

P1: “Participei de muitas coisas vinculadas ao GGU e, por ser bem prestativa, sempre era convidada a ministrar oficina, curso (...)”;

P4: Então, voltando do intercâmbio, já temos as obrigações, como liderar o Grupo Ginástico da Faculdade de educação Física, que é um projeto de extensão com um grupo ginástico aberto para toda a comunidade

da Unicamp, não só na parte de Educação Física;

P8: “Dentro das propostas do laboratório de Ginástica, eu pude dar oficinas como Ginástica Rítmica dinamarquesa para alunos do curso de Ciências do Esporte”;

P10: “Eu fiz uma oficina com o nosso grupo de GPT, e isso era uma tradição nossa, de sempre que alguém ia para um congresso, alguma coisa, a gente sempre trocava experiências (...)”;

P12: “O que aprendemos lá tentamos repassar ao máximo para os alunos na universidade com oficinas (...). Fizemos um grupo ginástico bem mais engajado com pessoas dentro e fora da universidade”;

P15: “(...) quando participamos no Gymnaestrada, me envolvi mais com o grupo e ajudei nos treinos, coreografia”.

Outro agrupamento em destaque foi “Produções acadêmicas”, com resumos em congressos, trabalhos de conclusão de curso (TCC), artigos e outros:

P1: “Então me aproximei mais de produções acadêmicas (...)”;

P4: “Depois na pesquisa com uma iniciação científica e o TCC, que acaba sendo inevitável não citar a experiência que tive”;

P8: “Eu tive a oportunidade de escrever sobre isso, pesquisar”;

P9: “Também produzi resumo, resumo expandido, relato de experiência, que foram apresentados em alguns eventos locais e regionais”;

P13 “(...) quando eu estava ainda em Ollerup, já ia acontecer um Fórum de ginástica no Brasil, então lá mesmo já comecei a produzir um trabalho para quando eu retornasse apresentar”.

Embora muito evidenciado pelos participantes a respeito de produções acadêmicas, vale ressaltar que a maior parte dessas produções foram resumos

em eventos, trabalhos de conclusão de curso e principalmente o uso de relato de experiência como método de pesquisa, como mostrado com o quadro 1 ao final do capítulo 3.

O agrupamento “Palestras” foi mencionado por apenas três participantes, e também foi destacado como contribuição, de acordo com as seguintes falas:

P7: “(...) além de palestras falando sobre o intercâmbio em evento sobre internacionalização, em palestras informativas para quem tinha interesse em participar do intercâmbio”;

P12: “O que aprendemos lá tentamos repassar ao máximo para os alunos na universidade com oficinas, palestras (...)”;

P15: “Pude falar da viagem, da cultura apenas em uma disciplina da Pós-graduação”.

Na fala dos participantes é possível perceber o engajamento dos grupos de pesquisa e extensão como o principal veículo para compartilhar os conhecimentos adquiridos e até mesmo os conduzir a outros espaços. Essa interação é realizada entre os discentes e também reflete na contribuição para a sociedade por meio dos conhecimentos adquiridos pelos participantes. É possível ver essa relação nos estudos de Silva (2013), que propõe a ligação de alguns integrantes de Grupos Ginásticos Universitários enquanto bolsistas e bolsistas voluntários.

Embora a formação prática da IYLE possa ter maior inclinação para ser compartilhada em espaços voltados à Ginástica, pouco foi especificado sobre iniciativas que partissem de outro caminho na Instituição para que as experiências pudessem ser compartilhadas entre outros setores dentro da universidade, como explicam os seguintes participantes:

> Eu acho que poderia ter tido ainda mais incentivo: numa disciplina... um seminário onde todos pudessem contar suas experiências, então isso não teve. Foi muito mais interno para o grupo ginástico do que para a universidade. Claro que temos que compartilhar dentro do

> grupo de pesquisa e extensão da ginástica, o que acho o mínimo. Mas chegar para os alunos da graduação e dividir, não teve isso (P5);

> Mas cheguei a me colocar à disposição, falar que podia dar aula. Cheguei com sede de falar sobre, de querer falar para o mundo tudo o que aprendi. Não tive muito apoio da universidade, nem do laboratório que eu fazia parte ou do Centro de Educação Física (P13).

Outras contribuições pouco mencionadas foram: “Aproximação ISCA – Universidade” devido à posterior filiação da instituição a partir da participação do estudante; “Planeamento de viagem do grupo Ginástico”, em que P15 especifica a aplicação de conhecimentos da formação do IYLE para o planejamento e arrecadação de fundos para viagens do grupo ginástico; e, por fim, “Não teve contribuições”, onde a participante destaca o curto período de vínculo pós-intercâmbio.

6.3.2 Contribuições na trajetória profissional em Ginástica

As trajetórias dos participantes envolvem diferentes percursos que estão ligados a aspectos sociais e individuais, como espaços, oportunidades, relações, motivações e tomada de decisões. Contudo, alguns pontos referentes às contribuições da participação do programa IYLE, na vida profissional, se destacaram de forma comum entre os participantes. A seguir, apresentamos o quadro 10 com as principais contribuições conforme relatado nas entrevistas:

Quadro 10 – Principais contribuições do programa IYLE na trajetória profissional em Ginástica

Agrupamentos	**Participantes**
A aplicação dos conhecimentos adquiridos	P2, P4, P5,P6, P7, P8, P9, P10, P11, P12, P14, P15, P16
As experiências adquiridas	P1, P2, P3, P4, P5, P7, P9, P12
A ampliação de oportunidades	P2, P3, P4, P9, P12, P13, P14, P15
Aspectos sociais	P14, P16
O interesse de estudo e produções científicas	P10

Como exposto, o agrupamento que mais se destacou foi “A aplicação dos conhecimentos adquiridos”, mencionado por 13 dos 16 participantes:

P4: “Todas as coisas que falei de planejamento me auxiliaram muito na organização das minhas aulas”;

P6: “Muitas atividades e coisas que aprendi lá pude reconfigurar para aplicar na escola ou no ensino superior, ou até mesmo reproduzir algumas”;

P9: “Na instituição que eu trabalho, tive oportunidade de aplicar e reproduzir as vivências do intercâmbio em aula, da vivência efetiva de Ginástica Dinamarquesa, ensinar os auxílios que aprendi (...)”;

P12: “Nesses três anos que estou trabalhando com o sistema modular de ensino, já pude fazer quatro festivais de ginástica e envolver a comunidade para assistir os festivais. Isso é algo que eles nunca tinham vivenciado na vida deles antes. Era futebol, vôlei e handebol, no máximo”;

P15: “Consegui colocar em prática a parte técnica e teórica, onde me senti muito mais preparada para meu exercício profissional e projetos com ele, como a realização do espetáculo de ginástica”.

Esses conhecimentos, de forma geral, parecem ter agregado de forma positiva na formação dos participantes. A aplicação, embora em diferentes espaços, se refere à reprodução de algumas atividades, ou à adaptação para diferentes contextos de aprendizado. Considerando que os conhecimentos adquiridos se transformam e se combinam com outros conhecimentos, “ao acumular habilidades de docência, o mesmo estará formando sua personalidade profissional, que só pode ser adquirida ‘por aquela pessoa’” (BETTI; MIZUKAMI, 1997, p. 114).

Por outro lado, a razão para não desenvolver algumas atividades é explicada por alguns participantes, os quais destacam a falta de recursos de qualidade: “Não tínhamos os materiais que tinha lá, então tínhamos que adaptar para a nossa realidade, mas os exercícios de base, a ludicidade, pude trazer, inclusive nas minhas aulas de ballet” (P8); “As acrobacias, entre aspas,

perigosas, eu acabei não utilizando, pois nos espaços em que trabalhei não tinha estrutura para isso (...)".

Outra contribuição em destaque foi "As experiências adquiridas", que diz respeito à relevância das experiências do intercâmbio na bagagem dos participantes:

P1: "Eu conto sobre minhas experiências nas aulas que dou. Acredito que sem experiências não seria a professora na qualidade que sou hoje, pois me considero uma professora de qualidade pelo retorno dos meus estudantes";

P2: "Com isso, uso muito das experiências que tive, não só na escola, mas em tudo que a escola me trouxe posteriormente para desenvolver projetos em nível internacional";

P3: "Não só abriu portas, mas deu bagagem para falar com os alunos da graduação em diferentes contextos. Falo hoje de uma realidade que eles nunca viveriam se não fosse pela minha experiência na Dinamarca";

P5: "Estudo muito, tenho muitos livros, mas tem coisas que a vivência, a questão do sensível... é só mesmo passando de uma pessoa para a outra";

P9: "Então você ir lá e trazer essas vivências diferentes para seu aluno, mostrar os vídeos, as fotos, isso é muito legal por eles saberem que a professora deles ficou quatro, cinco meses na Dinamarca. Isso traz uma aproximação do professor com o aluno e esse interesse com a Ginástica, sobre como funciona um grupo de GPT";

P12: "Umas delas repassar minhas experiências para os alunos, pois isso faz com que eles se interessem muito mais pelo que eu faço".

As experiências adquiridas contribuíram na bagagem dos participantes, possibilitando trocas e exemplos que não se restringem apenas ao imaginário, mas abarcam a realidade vivida pelo profissional que potencializa a

aproximação com o ambiente de trabalho, com os alunos, constituindo uma nova relação com o aprendizado e os indivíduos.

Nesse sentido, recorremos a Larrosa (2016), que nos faz questionar sobre as experiências sensíveis, aquelas que nos tocam, pois elas nos inquietam, nos fazem pensar e produzir mais e mais sobre elas. Nesse sentido, as experiências vivenciadas são afetadas pela heterogeneidade, e cada qual em suas comunidades demarca o tempo e o espaço onde vive. O sentimento de algo novo que se aproxima faz com que o momento desse encontro seja cultivado, esperado, repleto de curiosidades, dúvidas, anseios, medos e alegrias. Nesses relatórios, o medo do novo, a insegurança diante do desafio que está sendo proposto aparece logo no correr das primeiras páginas, o que, com o passar do tempo, vai abrindo espaço a outros sentimentos, como a alegria e o saudosismo, por exemplo.

Portanto, a experiência de participação em um intercâmbio se constituiu de forma singular no processo de formação de professores, mas também de formação humana. A experiência é aqui tomada nos termos como Larrosa (2016) propõe e diz respeito ao que nos acontece, nos afeta, nos torna, nos transforma, em alguma medida, em algo que não somos mais, mas que ainda não somos, também, plenamente. Assim a experiência é sempre tomada como processo.

"A ampliação de oportunidades", também mencionada por parte dos participantes, diz respeito às relações, ao status profissional e às competências adquiridas que ampliaram as oportunidades no âmbito profissional:

P2:	"Hoje tenho projetos com a ONU[15], UNICEF[16], e acredito que, se não tivesse experiência com a escola, que me abriu a porta para o mundo, não teria a tranquilidade de fazer como faço hoje. Tudo se conecta com a experiência na IYLE";
P3:	"No retorno, o status de ter ido já abriu portas. O networking me abriu portas profissionalmente, pois na escola pude me aproximar de

[15] Organização das Nações Unidas
[16] Sigla do Inglês "*United Nations International Children's Emergency Fund"*, traduzida como "Fundo Internacional de Emergência das Nações Unidas para a Infância".

colegas brasileiros que posteriormente, por ver meu desenvolvimento e pela confiança, foi muito importante na minha atuação no SESC";

P4: "Além disso, essa experiência na Dinamarca até facilitou minha entrada na escola pois, quando fui fazer a entrevista, eles perguntaram, quiseram saber e acharam uma experiência súper rica para contribuir para os alunos";

P14: "Fiz contatos de amizade, para trabalho e muitas oportunidades graças ao intercâmbio";

P15: "Na parte profissional, tive um ganho muito grande com maior adesão dos alunos, a criação de novos projetos e maior ganho financeiro".

A ampliação de oportunidades, relatada pelos participantes, constata a valorização de uma experiência internacional em âmbito de mercado devido ao diferencial. No caso da IYLE, também podemos evidenciar a networking desenvolvida, não apenas com colegas internacionais, mas também com outros brasileiros com quem estabeleceram relacionamentos.

Outro agrupamento com poucas menções foram os "Aspectos sociais", que estão associados com a relação professor aluno:

P14: "Quando eu voltei, toda minha vivência me ajudou muito na questão social de como trato meu aluno";

P16: "(...) acredito que tudo pode ser aproveitado, penso que tem um pouquinho dessa inclusão, de não deixar alguém excluído pela idade, por não conseguir fazer algo. Essa relação com as pessoas, de ter conhecido culturas diferentes e conseguir aprofundar nas relações. Isso com certeza ajuda bastante".

Esses aspectos mencionados, que também se conectam com a educação do sensível dos participantes, evidenciam um olhar para a aproximação afetiva com o aluno. Dessa forma, ao destacar sobre amor e

respeito pelos alunos, concordamos com Betti e Mizukami (1997, p. 114), pois enfatizam que “ninguém ensina a outrem a gostar. A afetividade e o respeito são necessidades intrínsecas a quem se propõe a educar”.

Por fim, há o agrupamento “O interesse de estudo e produções científicas”, mencionado por P10, o qual está relacionado ao interesse por pesquisas sobre a GPT e o esporte para todos. O participante especifica que o interesse na área também parte das experiências vividas no intercâmbio.

6.3.3 A utilização da Ginástica dinamarquesa pelos ex-intercambistas

A Ginástica dinamarquesa sistematizada por Bukh, na prática atual, raramente é exibida nos formatos originais em que priorizavam movimentos altamente sincronizados e alinhados. O formato moderno traz outras influências, abrindo espaço para a criatividade, onde os corpos se movem mais livremente e também se comunicam (BONDE, 2020).

A respeito da popularidade da Ginástica dinamarquesa, foram de grande importância as performances feitas pelo mundo, as relações políticas e as pontes criadas com diversos países (BONDE, 2009, 2020). No Brasil, vale ressaltar a vinda dos dinamarqueses com a realização de performances, a qual Marinho (1952) relata nos prolegômenos de sua obra sobre ter assistido a performances guiadas pelo próprio Niels Bukh, em 1938, no Rio de Janeiro. Em registros mais recentes, podemos exemplificar a vinda do time nacional por duas vezes à Unicamp e também a participação dos Dinamarqueses com performances e oficinas em parceria com o SESC em algumas edições do FIGPT.

Sobre as influências da Ginástica Dinamarquesa no Brasil, pouco se destaca na literatura, uma vez que o processo sócio-histórico do país teve outros desdobramentos e outras fontes de influência no âmbito da Ginástica, como discutido nesse estudo sobre as influências internacionais da Ginástica no Brasil.

Com a participação de intercambistas desde 1997, apresentamos no quadro 11 como os participantes utilizam ou utilizaram a Ginástica dinamarquesa nos seus espaços de atuação como profissionais formados:

Quadro 11 – A utilização da Ginástica dinamarquesa

Agrupamentos	**Participantes**
Como um conteúdo nas aulas práticas	P3, P4, P5, P6, P7, P8, P9, P10, P11, P12, P13, P14, P15, P16
Conteúdo no exercício docente	P1, P3, P4, P7, P9, P13
Jogos e brincadeiras	P2, P3, P14

Como exposto, podemos destacar que a principal utilização da Ginástica dinamarquesa mencionada por 14 dos 16 participantes é “Como um conteúdo nas aulas práticas”, sendo que esse conteúdo compõe uma etapa da aula, vivências ou se combina a outros conteúdos utilizados pelo professor:

P3: “Também trago toda aquela questão do ritmo, que acho que é uma das coisas que mais chama atenção na Ginástica dinamarquesa, com aqueles balanceios[17] que são muito bonitos”;

P6: “De forma geral sempre uso os *swings*, ritmo em uma parte da aula, sempre no aquecimento mas nunca uma aula completa”; “Na parte de ritmo, utilizei muito nas aulas, como a inserção das músicas, os passos, o swing”;

P7: “Além disso, a Ginástica Dinamarquesa sempre esteve presente na parte de aquecimento das minhas aulas e em coreografias”;

P11: “Às vezes falo para os alunos que vou dar uma aula diferente e uso os *swings*”;

P13: “Em diversas vezes pude utilizar a ginástica em aulas de verão; com as crianças na turma de ginástica rítmica eu sempre separava alguns dias para ensinar essa prática para que elas pudessem aprender o *swing*, utilizar os materiais de ginástica, não somente dentro das técnicas que regem um código de pontuação, mas que elas pudessem trabalhar com os aparelhos de forma mais livre e espontânea”;

[17] Também descrito como *swing*.

P14: “Foi uma coisa conjunta, como, por exemplo, uma aula de *swing* com uma música brasileira. Na academia, pude agregar no preparo com flexibilidade e alguns exercícios”.

A aplicação da Ginástica dinamarquesa pelos participantes em alguma etapa das aulas abrange diversos objetivos, como trabalhar ritmo, coordenação, flexibilidade, aspectos estéticos pela beleza dos movimentos, ou simplesmente para entregar uma vivência diferenciada para os alunos.

Em concordância com a fala dos participantes, Langlade e Langlade (1970) descrevem sobre ritmo, dinamismo, flexibilidade e destreza, como aspectos marcantes trabalhados na Ginástica dinamarquesa. Os *Swings,* ou movimentos de oscilação, os quais foram enfatizados por P3, P4, P5, P6, P7, P9, P11, P13, P14 e P15, correspondem aos movimentos ritmados e interligados que compõem sequências fluídas explorando a amplitude das articulações e, portanto, a flexibilidade (LANGLADE; LANGLADE, 1970).

Além disso, é importante ressaltar que a aplicação desses conhecimentos também vem acompanhada de ressignificações para os espaços e o conhecimento do público-alvo, que, em geral, pouco sabe sobre a Ginástica Dinamarquesa. Nesse aspecto, dois participantes enfatizam não especificar para os alunos que se trata do método dinamarquês quando este é aplicado (P7; P10), ou há algum tipo de resistência e/ou estranhamento por parte dos alunos ao método:

> Fora da universidade foi mais complicado. Tentei, entre aspas, vender o que eu aprendi e implementar algo diferente, novo. Mas em muitos lugares relutam, pois é algo que realmente ninguém ouve falar, e por isso não tem tanta adesão. Por fim, eu passei a usar alguns conteúdos nas minhas aulas de dança (P11).

> Utilizei a Ginástica dinamarquesa em uma aula de funcional falando o que era isso, mas não consegui inserir muito esse tipo de Ginástica por as pessoas não conhecerem, acharem que é uma dança ou por acharem muito difícil. Foi mais assustador do que interessante para pessoas que não estão inseridas na Ginástica, dança. Mas deixo essa ferramenta disponível para inserir onde tiver oportunidade e interesse (P15).

Esse estranhamento pode estar diretamente ligado à falta de conhecimento a respeito do método no Brasil, pois, além das influências

historicamente desenvolvidas no país serem voltadas a outras vertentes, os meios de informação e comunicação supervalorizam outros tipos prática, como as modalidades de competição, e consequentemente também limitam o entendimento das pessoas a respeito da Ginástica e de suas possibilidades.

Nesse contexto, Carvalho (2007) destaca que a divulgação da televisão também pode estar ligada à motivação das práticas esportivas e, por conseguinte, gera impacto social. Além disso, a autora ainda destaca que os conteúdos midiáticos enaltecem o esporte de alto rendimento associado a grandes eventos, aos atletas campeões, seus resultados e suas capacidades corporais, limitando a visão do esporte a uma prática excludente (CARVALHO, 2007; LIMA, 2010). Destacando os aspectos contemporâneos com a internet e as redes sociais, Reis-Furtado *et al.* (2021), ao analisarem as postagens de *Instagram* da CBG, verificaram ênfase para as modalidades já consolidadas (Ginástica Artística e Ginástica Rítmica) e os eventos internacionais, com evidência para a imagem dos atletas, o que reforça a repercussão para o alto rendimento e o esporte espetáculo.

Para o agrupamento “Conteúdo no exercício docente”, reunimos apontamentos referentes à utilização da Ginástica dinamarquesa ao abordar Ginástica no exercício docente:

P1:	“(...) como exemplo das Ginásticas calistênicas. Toda vez em que eu trabalhava com componentes curriculares a Ginástica, eu trazia a abordagem da Ginástica dinamarquesa”;
P3:	“Sempre passo para meus alunos e estimulo a pensar em como eles podem ser utilizados, como em atividades para jovens, adultos”;
P4:	“Mas estava na minha grade esse swing, a Ginástica Dinamarquesa, a Ginástica Militar, sempre quando eu trabalhava as Ginásticas”;
P9:	“Já utilizei a Ginástica dinamarquesa, principalmente na época fiz trabalhos com conteúdo a respeito das Escolas Ginásticas”;
P13:	“Até mesmo no meu período de Docente, pois ministrei disciplina de ginástica na universidade que eu trabalhava e então enfatizei alguns

métodos que eu aprendi durante o intercâmbio”.

De acordo com as declarações, é notória a utilização da Ginástica dinamarquesa como fonte para transposição de saberes na área da Ginástica. Esses saberes envolvem não apenas a vivência prática de um método específico, mas a aproximação de uma realidade mais concreta parece favorecer o desenvolvimento de alguns assuntos, como mencionados pelos participantes.

A aquisição, no intercâmbio, desses saberes que agregaram ao conjunto de outros saberes adquiridos nas trajetórias individuais dos participantes pode ser considerada de forma significativa, uma vez que o saber docente é constituído pela formação e pelo exercício da docência e apresenta constante evolução. No ensino da Ginástica, as experiências vividas na área podem interferir de forma positiva no trabalho docente, uma vez que essas vivências podem ampliar as fontes de exemplos reais (LIMA, 2010).

Por fim, há o agrupamento “Jogos e brincadeiras”, o qual está relacionado à utilização de atividades lúdicas que compunham as aulas na Dinamarca e aparece na fala de três participantes:

P2: “(...) brincadeiras que vi lá, que se transformam na nossa realidade”;

P3: “Os aquecimentos, os jogos e toda a parte lúdica, que é muito atrativo para quem nunca fez Ginástica”;

P14: “Além dos aquecimentos como brincadeiras, ritmo e outros”.

O aspecto lúdico e a utilização de jogos e brincadeiras, que também foram descritos nas falas referente às percepções de ensino e aprendizagem durante o intercâmbio, demarcam a inserção de um formato de aula que também valoriza o prazer pela prática. Embora os participantes não enfatizem a utilização dessa perspectiva lúdica em todos os momentos das aulas, podemos destacar as considerações de Kunz (2004) quando fala a respeito da transformação didático-pedagógica como um caminho para priorizar o prazer

pela prática que se traduz na satisfação do aluno antes dos padrões de uma determinada modalidade.

6.4 Interligando as fases do processo

Ao conectar os achados deste estudo, que foram primeiramente tradados em fases, percebemos que alguns aspectos dialogam e são diretamente interligados.

Com isso, realçamos o papel dos grupos de extensão e a importância desses espaços para envolver os alunos e apresentar as possibilidades de intercâmbio que tratamos neste estudo.

Essa percepção pode ser justificada pela experiência prévia em Ginástica de todos os participantes e o envolvimento majoritário em grupos ginástico dos participantes entrevistados. Devido a esse envolvimento prévio com a Ginástica e o interesse em se desenvolver na área pelo envolvimento nos grupos ginásticos, muitos se sentiram motivados a participar do intercâmbio também pela formação em Ginástica e pelo incentivo dos colegas desses grupos que estudaram anteriormente nas escolas dinamarquesas.

Os grupos também desempenharam importante papel no retorno dos participantes às instituições de vínculo, por meio de trocas de experiências com aulas, minicursos, palestras e produções acadêmicas, embora seja destacada a necessidade de maior envolvimento da instituição para melhor efetivar essas trocas para toda a comunidade acadêmica.

Referente ao período durante o intercâmbio, os alunos destacaram como principais contribuições o aumento de repertório de atividades e também o entendimento da Ginástica. Essas contribuições foram fortemente inseridas no cotidiano profissional na área da Ginástica, uma vez que muitos mencionaram a utilização dos conteúdos aprendidos e aplicação de atividades como um elemento em aulas práticas. Além disso, a ampliação do entendimento na Ginástica e as experiências vividas contribuíram diretamente na educação do

sensível e na forma de repassar esses conhecimentos no exercício docente até os dias atuais em muitos casos.

7 Considerações Finais

Atribuímos às considerações finais o fechamento desse estudo; contudo, é de grande importância salientar que tratamos de um fenômeno contínuo – como explicado em alguns momentos ao decorrer do texto – em que os acontecimentos aqui aprofundados se desenvolvem e se transformam nos diversos contextos e espaços ao longo do tempo.

O objetivo do estudo foi analisar o processo de internacionalização com o programa IYLE e suas influências na trajetória profissional em Ginástica. Em termos de processo, adotamos as definições de Knight (2003) para estudar o fenômeno de internacionalização por entradas e saídas, resultando na divisão dos dados em três fases principais: antes, durante e após o intercâmbio.

Considerando o período **antes do intercâmbio**, descrevemos a experiência prévia dos participantes com a Ginástica. Todos especificaram contato prévio em grupos de GPT, o que revelou grade importância desses grupos, não apenas na oportunização das bolsas de intercâmbio, mas também na divulgação e no compartilhamento de informações. Além disso, a maior parte dos participantes também tiveram algum contato prévio com Ginástica competitiva, o que também reforça a relação com o interesse em participar de grupos ginásticos na universidade, bem como o interesse no intercâmbio nas escolas de Ginástica e esportes.

As motivações para participar do programa IYLE foram diversas, contudo constatamos maior destaque para a experiência internacional, como conhecer outro país, nova cultura, pessoas e lugares. Em seguida, a formação em Ginástica, pela vontade de aprender e se aprofundar, por gostar muito de Ginástica e pela possibilidade da posterior atuação profissional na área. Outro destaque foi a motivação pelos relatos de colegas e amigos que participaram anteriormente do intercâmbio, que, em geral, também participavam do mesmo grupo ginástico, ou por contato estabelecido com pessoas de outros grupos.

Em seguida, apresentamos os principais desafios para participar do intercâmbio. Dessa forma, o fator financeiro ganhou destaque, principalmente após o período em que o programa IYLE custeava todas as despesas. Assim, os principais meios para subsidiar o intercâmbio, além do financiamento parcial do programa, foi o custeio próprio e a ajuda de familiares e amigos, sendo que pouco foi relatado sobre o financiamento das instituições de vínculo, bem como sobre outros programas para esse fim. Outros desafios mencionados foram: a proficiência em inglês, devido a dificuldades e déficit quanto ao domínio do idioma; a insegurança por sair do país, ir para um local desconhecido, ficar longe da família; e, por fim, a necessidade de se ausentar de compromissos no Brasil.

Seguindo para a fase **durante o intercâmbio**, descrevemos as principais percepções de ensino e aprendizagem. Referente às escolas de Ollerup e Viborg, constatamos a importância da estrutura e materiais como importante facilitador pedagógico, por proporcionar uma prática segura e prazerosa, além da organização referente às aulas e a conscientização dos alunos. Em relação aos professores, foi destacada a boa organização, o planejamento das aulas com etapas bem delineadas, a proximidade dos professores com os alunos, a centralidade dos conteúdos nos professores, e a demonstração de habilidades durante as aulas, que é diretamente ligada à experiência prática desses professores na área em que ensinam.

Ainda sobre as percepções de ensino e aprendizagem, também apresentamos apontamentos sobre as aulas em que foi enfatizado o ensino prático com pouco teoria. Esse tipo de ensino contribuiu para o aumento de repertório de atividades e educativos, que, a partir das vivências, agregaram no aprendizado dos alunos. Os conteúdos variados, não necessariamente ligados ao esporte e Ginástica, também contribuíram na formação dos participantes e ampliaram as perspectivas para além de um ensino restrito e especializado. Quanto aos alunos, também foi mencionado o engajamento durante as aulas e atividades como valores inseridos culturalmente sobre o entendimento coletivo e de viver em comunidade.

As principais contribuições do intercâmbio abrangeram tanto aspectos pessoais quanto profissionais. No pessoal, as amizades foram enfatizadas por criar um espaço mais agradável, pelas trocas, aprendizado, afeto, que, em alguns casos, perpetuaram-se depois do intercâmbio. A experiência internacional também ganhou destaque pela oportunidade de viver em outro contexto cultural, com novos lugares, idiomas, e etc. O ambiente desafiador, as novas vivências e o fato de estar longe da família e país de origem também contribuíram para o amadurecimento.

No aspecto profissional, obtivemos alguns apontamentos específicos na área da Ginástica, como: o ensino, com todas as vivências práticas, jogos, atividades e progressão de habilidades; o entendimento da Ginástica, com a ampliação das perspectivas e possibilidades com prática; e as performances, que contribuíram no aprendizado tanto com o processo de montagem quanto nas apresentações e participações em eventos.

Para outros apontamentos em âmbito profissional, podemos ressaltar a proficiência em inglês com o aperfeiçoamento do idioma pela prática no dia a dia nas escolas, a formação internacional no currículo, a qual contribui na nas exigências e competitividade de mercado e a formação de liderança para execução para o planejamento e execução de projetos. Outros aspectos que não apresentaram tanto destaque foram a organização e planejamento e as aulas teóricas sociais.

Após o intercâmbio, aprofundamos como os conhecimentos adquiridos pelo programa IYLE vêm sendo utilizados no contexto da Ginástica brasileira. Na instituição de vínculo, as contribuições acontecem, na maioria das vezes, através de aulas, oficinas e minicursos, produções acadêmicas como TCCs, relatos de experiência, resumos em congressos e palestras. Contudo, essas contribuições são mais restritas aos grupos de extensão e pesquisa na área da Ginástica, ou a iniciativas que partem desses espaços.

Na trajetória profissional, a participação na IYLE também trouxe contribuições, das quais destacamos: a aplicação dos conhecimentos adquiridos, que, embora em diferentes espaços, se referem à reprodução de algumas atividades, ou à adaptação para diferentes contextos de aprendizado,

que, em alguns casos, também carece de estrutura e materiais de qualidade; as experiências adquiridas, que agregaram na bagagem dos participantes, possibilitando troca de experiências e uma nova relação com o aprendizado e os indivíduos; a ampliação de oportunidades, pela *network* criada e também pelo diferencial no currículo com a experiência internacional, além de outras contribuições.

Referente à Ginástica dinamarquesa, a utilização se deu, basicamente, como um elemento nas aulas práticas, como em aquecimentos, exercícios de preparação física, coreografias e outros. Não houve relatos de práticas regulares com a utilização do método, principalmente por este ser desconhecido pela maioria das pessoas. No exercício docente, a utilização se destacou como um conteúdo da Ginástica, com contextualização histórica, vivências e exemplos práticos. Por fim, alguns aspectos como a ludicidade dos jogos e brincadeiras também foram incorporados nas aulas de Ginástica.

De forma geral, podemos considerar a importância dos grupos de extensão no envolvimento dos alunos, tanto na fase antes do intercâmbio, pela motivação, diálogo e oportunidades, quanto após o intercâmbio, por conduzir os alunos ao ambiente de trocas e pesquisa.

Não foram constatadas diferenças relevantes entre as escolas de Ollerup e Viborg dentro do que propomos na investigação, apesar da escola de Ollerup ter maior ênfase e tradição com a Ginástica em relação à escola de Viborg. No aspecto temporal, uma vez que tivemos participantes desde 1998 até 2019, tivemos apenas um apontamento sobre a diferença de estrutura pelo avanço tecnológico no decorrer dos anos. Na trajetória profissional, embora exista diferenças entre as fases de desenvolvimento na vida dos participantes, também não constatamos diferenças na aplicação dos conhecimentos da IYLE que possam ser explicadas devido ao tempo. Estudos futuros podem melhor elucidar essas lacunas.

Referências

ALTBACH, Philip G.; KNIGHT, Jane. The internationalization of higher education: Motivations and realities. **Journal of studies in international education**, v. 11, n. 3-4, p. 290-305, 2007.

ANTUALPA, Kizzy Fernandes. **Centros de Treinamento de Ginástica Rítmica no Brasil:** estruturas e programas. 2011. 187f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

ARANTES, Ana Cristina. A história da educação física escolar no Brasil. **Revista Digital**, Buenos Aires, ano 13, n.124, 2008. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd124/a-historia-da-educacao-fisica-escolar-no-brasil.htm>. Acesso em 12 de junho de 2020.

ASSUMPÇÃO, Bianca. **Impactos do programa IYLE (International Youth Leader Education) oportunizado pela parceria Unicamp – ISCA para a formação dos graduandos**. 2013. 98f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Bacharel em Ciências do Esporte, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

ASSUMPÇÃO, Bianca; TOLEDO, Eliana de. Aspectos históricos acerca da participação dos graduandos da UNICAMP no programa IYLE (International Youth Leader Education) oportunizado pela parceria UNICAMP-ISCA. **Conexões**, v. 13, p. 77-97, 2015.

ASSUMPÇÃO, Bianca; TOLEDO, Eliana de. **Aspectos históricos acerca da participação de graduandos da UNICAMP no programa IYLE (International Youth Leader Education) oportunizado pela parceria Unicamp-ISCA**. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA GERAL, 7., 2014, Campinas /SP. Anais, editora da Unicamp, 2014. p.80.

AYOUB, Eliana. **A ginastica geral na sociedade contemporânea: perspectivas para a Educação Física escolar**. 1998. 187f. Tese (doutorado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/274879>. Acesso em: 24 jul. 2018.

AYOUB, Eliana; BORTOLETO, Marco Antônio C. Uma vida de dedicação à Ginástica: inspirando gerações. **Conexões**, v. 11, n. 3, p. 202-207, 2013.

BABAJEVA, Ludmila. Theoretical concept of learning process in folk high school. 2012.

BAGLEY, Sylvia S.; RUST, Val D. Community-based folk high schools in Norway, Sweden, and Denmark. In: **Community college models**. Springer, Dordrecht, 2009. p. 279-298.

BAHU, Ligia Zagorac; CARBINATTO, Michele Viviene. Extensão universitária e Ginástica para Todos: contribuições à formação profissional. **Conexões**, v. 14, n. 3, p. 46-70, 2016.

BARBOSA-RINALDI, Ieda Parra. **A ginástica como área de conhecimento na formação profissional em educação física:** encaminhamentos para uma reestruturação curricular. 2005. 219f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, 2005. Disponível em: http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/274939. Acesso em: 4 mai. 2020.

BARBOSA-RINALDI, Ieda Parra; PIZANI, Juliana. Projetando a Ginástica Rítmica em diferentes contextos. In: TOLEDO, Eliana de; SILVA, Paula Cristina da Costa. **Democratizando o ensino da Ginástica:** Estudos e exemplos de sua implantação em diferentes contextos sociais. São Paulo: Fontoura, 2013. p. 171-196.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: ed. 70. 2011.

BENTO-SOARES, Daniela. **Formação de treinadores (as) de Ginástica Para Todos no mundo:** Uma análise de programas de federações nacionais. 2019. 294f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Fisica, Campinas, 2019. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/333714. Acesso em: 30 dez. 2020.

BERNARDES, Geísa. Meu reencontro com a Ginástica Rítmica. In: PAOLIELLO, Elizabeth; TOLEDO, Eliana de. **Possibilidades da ginástica rítmica**. São Paulo: Phorte, 2010. p. 45-71.

BETTI, Irene Conceição Rangel. Esporte na escola: mas é só isso, professor?. **Motriz**, v. 1, n. 1, p. 25-31, 1999.

BETTI, Irene Conceição Rangel; MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. História de vida: trajetória de uma professora de Educação Física. **Motriz. Journal of Physical Education. UNESP**, p. 108-115, 1997.

BOELHOUWER, Cristiane; BRANDL, Carmem Elisa Henn. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**. 2014.

BONDE, Hans. Gymnastics as a rite of passage: Danish gymnastics 1920-1950. **Young**, v. 2, n. 4, p. 17-35, 1994. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/110330889400200402>. Acesso em 16 fev. 2020.

BONDE, Hans. Nationalism in the age of extremes: taking Danish gymnastics to the world. **The International Journal of the History of Sport**, v. 26, n. 10, p. 1414-1435, 2009.

BONDE, Hans. **The fight about gymnastics over 100 years**. Odense, Dinamarca: Specialtrikkeriet Arco, 2020.

BORGES, Rovênia Amorim; GARCIA-FILICE, Renísia Cristina. A língua inglesa no Ciência sem Fronteiras: paradoxos na política de internacionalização. **Interfaces Brasil/Canadá**, v. 16, n. 1, p. 72-96, 2016.

BRASIL, Vinicius Zeilmann *et al*. A trajetória de vida do treinador esportivo: as situações de aprendizagem em contexto informal. **Movimento**, v. 21, n. 3, p. 815-829, 2015.

CARBINATTO, Michele Viviane *et al*. Conhecimentos de Acadêmicos de Educação Física sobre a Ginástica a partir da Percepção de Docentes do Ensino Superior. **Revista de Graduação USP**, v. 2, n. 3, 2017.

CARVALHO, Laiana. Anexo III-Princípios Gerais dos Programas de Bolsas do Santander Universidades-Edição 2020. 2020.

CARVALHO, Soraya Lida de. **O discurso midiático da ginástica artística**. 2007. 109 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Católica de Brasília, Brasília.

CASTRO, Alda Araújo; CABRAL NETO, Antônio. O ensino superior: a mobilidade estudantil como estratégia de internacionalização na América Latina. **Revista Lusófona de Educação**, n. 21, p. 69-96, 2012.

CASTRO, Patricia Aparecida Pereira Penkal de; TUCUNDUVA, Cristiane Costa; ARNS, Elaine Mandelli. A importância do planejamento das aulas para organização do trabalho do professor em sua prática docente. **ATHENA Revista Científica de Educação**, v. 10, n. 10, 2008.

CAVALCANTE, Paulo Henrique de Souza. **Sport for all:** uma possibilidade de democratização do esporte (?). 2010. 49f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Licenciatura em Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000807705&opt=4>. Acesso em: 27 jun. 2021.

CHAVES, Vera Lúcia Jacob; CASTRO, Alda Maria Duarte Araújo de. Internacionalização da educação superior no Brasil: programas de indução à mobilidade estudantil. **Revista Internacional de Educação Superior**, v. 2, n. 1, p. 118-137, 2016.

COELLI, Thiago. Turismo de Estudos e Intercâmbio: Antes, Durante e Depois – Uma análise sobre ex-intercambistas da Universidade Federal de Juiz de Fora (Minas Gerais, Brasil). **Turismo e Sociedade**, v. 7, n. 4, 2014.

COSTA, Marcelo Gomes da; PERELLI, João Marcos; SANTOS, Leonardo J. Maturana dos. História da ginástica no Brasil: da concepção e influência militar aos nossos dias. **Navigator: subsídios para a história marítima do Brasil**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 23, p. 63-75, 2016.

COSTA, Andrize Ramires *et al*. Ginástica na escola. **Conexões**, v. 14, n. 4, p. 76-96, 2016.

COSTA, Andrize Ramires *et al*. A Ginástica Para Todos na extensão universitária: sentidos e significados de participantes ingressantes. **Expressa Extensão**, v. 25, n. 3, p. 320-332, 2020.

CUNHA, Maria Isabel da; RESCHKE, Maria Janine Dalpiaz. Internacionalização da educação e mobilidade estudantil em questão. In: Reunião Científica Regional da ANPED, 2016, Curitiba. Disponível em: <http://www.anpedsul2016.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/11/eixo8_MARIA-ISABEL-DA-CUNHA-MARIA-JANINE-DALPIAZ-RESCHKE.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2020.

DIAS, Franciny dos Santos *et al***. Ginástica moderna como prática inclusiva em uma escola de dança**. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA PARA TODOS, 9., 2019, Campinas /SP. Anais, editora da Unicamp, 2018. p.300-302.

DIAS, Franciny dos Santos. **Ginástica Rítmica no Espírito Santo: uma história contada pelos seus precursores**. 2019. 233f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação Física e Desportos, Vitória, ES, 2019. Disponível em: <http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_13676_Disserta%E7%E3o%20VERS%C3O%20FINAL%20-%20Franciny%20dos%20Santos%20Dias.pdf>. Acesso em 7 jun. 2021.

DIAS, Franciny dos Santos; SILVA, Paula Cristina da Costa. **Da ginástica rítmica para ginástica moderna de performance e suas relações com a ginástica para todos**. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA PARA TODOS, 8., 2016, Campinas /SP. Anais, editora da Unicamp, 2016. p.113-115.

FIORIN, Cristiane Montozo. **A ginástica em Campinas:** suas formas de expressão da década de 20 à década de 70. 2002. 148f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/275005>. Acesso em: 15 dez. 2020.

G1. **Ciência Sem Fronteiras chega ao fim por falta de dinheiro**. 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2017/04/ciencia-sem-fronteiras-chega-ao-fim-por-falta-de-dinheiro.html>. Acesso em: 5 jul. 2021.

GAIO, Roberta. **O rico universo da Ginástica:** as ginásticas. In: GAIO, Roberta; GOIS, Ana Angélica; BATISTA, José Carlos de Freitas. A ginástica em questão: corpo e movimento. 2. ed. São Paulo, Phorte, 2010.

GODOY, Carolina. **O Jogo como uma possibilidade de ensino da Ginástica de Trampolim**. 2018. 111 f. TCC (Graduação) – Bacharel em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2018. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=001081738&opt=4>. Acesso em: 27 jun. 2021.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **O Método Francês e a Educação Física no Brasil:** Da Caserna à Escola. 1992. 215f. Dissertação (Mestrado) – Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992.

HUDZIK, John K. Comprehensive internationalization: From concept to action. **Washington, DC: NAFSA: Association of International Educators**, 2011. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/b65a/cfa7193e15fedffa1fad671247cee4c6ead0.pdf?_ga=2.193844909.1678820233.1590085670-2146084230.1590085670>. Acesso em: 21 mai. 2020.

INTERNATIONAL STUDENTS: Welcome. *In*: GYMNASTIKHØJSKOLEN I OLLERUP. **Gymnastikhøjskolen i Ollerup**. Dinamarca, 11 fev. 2020. Disponível em: <https://ollerup.dk/intac/welcome>. Acesso em: 11 fev. 2020.

ISCA. Disponível em: <isca-web.org>. Acesso em: 6 jul. 2021.

JACOB, Ariadni Reis. O ensino-aprendizado da ginástica artística e a afetividade. In: TOLEDO, Eliana de.; SILVA, Paula Cristina da Costa. **Democratizando o ensino da ginástica:** estudos e exemplos de sua implantação em diferentes contextos sociais. São Paulo: Fontoura, 2013. p. 201 - 222.

KNIGHT, Jane. Updated definition of internationalization. **International higher education**, n. 33, 2003.

KNIGHT, Jane. Internationalization remodeled: Definition, approaches, and rationales. **Journal of studies in international education**, v. 8, n. 1, p. 5-31, 2004.

KUNZ, Elenor. Transformação Didático-Pedagógica. Ijuí, RS: Editora Unijuí, 2004.

LACERDA, Débora Jucá. **A influência dos materiais, da estrutura e do espaço na prática da Ginástica de acrobacias**. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA GERAL, 5., 2010, Campinas /SP. Anais, editora da Unicamp, 2010. p.290-293.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre a experiência. Tradução de Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

LARSEN, Kurt; VINCENT-LANCRIN, Stephan. International trade in educational services: Good or Bad?. **Higher Education Management and Policy**, v. 14, n. 3, p. 9-45, 2002. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1787/hemp-v14-art18-en>. Acesso em: 16 jun. 2020.

LAUS, Sonia Pereira. **Alguns desafios postos pelo processo de internacionalização da educação superior no Brasil**. 2004. In: Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul, 4., 2004, Florianópolis /SC. Anais, 2004. p. 1-18. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/35810/Sonia%20Pereira%20Laus%20-%20ALGUNS%20DESAFIOS%20POSTOS.pdf?sequence=4>. Acesso em: 15 set. 2015.

LIMA, Helaine Cristina Ferreira. **Construção da docência:** trajetórias de professores de ginástica no ensino superior. 2010. 135 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2010.

LIMA, Manolita Correia; RIEGEL, Viviane. Motivações da mobilidade estudantil entre os estudantes do curso de administração. **Guavira Letras**, n. 10, p. 178-197, 2010.

MANZINI, Eduardo José. **Entrevista semi-estruturada**: análise de objetivos e de roteiros. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA E ESTUDOS

QUALITATIVOS, 2: a pesquisa qualitativa em debate. Bauru: SIPEQ, 2004. 1 CD- ROM

MASSARO, Isabela Favaro; TOLEDO, Eliana de; PIZZOL, Vanessa. **Uma ação internacional e intersetorial com a Ginástica Para Todos: ISCA- MOVELA, LAPEGI-UNICAMP e a escola**. In: Fórum Internacional de Ginástica Para Todos, 8., 2016, Campinas /SP. Anais, editora da Unicamp, 2016. p.195-197.

MARINHO, Inezil Penna. **Análise do sistema de ginástica básica dinamarquesa de Niels Bukh**. Rio de Janeiro, 1952. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/128870>. Acesso em: 18 jun. 2021.

MEDEIROS, Cintia Rodrigues De Oliveira; ANDRADE, Antonia Darliane Da Silva; PASSOS, Janduhy Camilo. Marcas das experiências sociais e interculturais de estudantes em mobilidade internacional: dos laços de amizade aos "perrengues". **Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 18, n. 2, p. 345-379, 2017.

MENEGALDO, Fernanda Raffi; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Ginástica para todos: primeiras reflexões sobre uma prática coletiva. **Revista da Alesde**, v. 2, p. 300-312, 2019.

MIRANDA, José Alberto Antunes de; STALLIVIERI, Luciane. Para uma política pública de internacionalização para o ensino superior no Brasil. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 22, n. 3, p. 589-613, 2017.

MORALES, Pedro. **Relação professor-aluno: o que é, como se faz**. 6. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

NOBRE, Elisabete; MARTINS, Maria Teresa B. **A implementação da Ginástica Geral no projeto "Esporte Social:** Uma Torcida pela Educação" em crianças e adolescentes de 6 a 17 anos na cidade de Mauá – São Paulo. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA GERAL, 5., 2010, Campinas /SP. Anais, editora da Unicamp, 2010. p.285-289.

NUNES, Ana Lucia de Paula Ferreira; SILVA, Maria Batista da Cruz. A extensão universitária no ensino superior e a sociedade. **Mal-Estar e Sociedade**, v. 4, n. 7, p. 119-133, 2011.

NUNOMURA, Myrian; CARBINATTO, Michele V.; CARRARA, Paulo DS. Reflexão sobre um programa de formação profissional na Ginástica artística. **Pensar a Prática**, v. 16, n. 2, 2013.

NUNOMURA, Myrian; NISTA-PICCOLO, Vilma Leni. A Ginástica Artística no Brasil: reflexões sobre a formação profissional. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 24, n. 3, p. 175-194, 2003.

NUNOMURA, Myrian; OLIVEIRA, Mauricio Santos. Centro de excelência e Ginástica artística feminina: a perspectiva dos técnicos brasileiros. **Motriz**, v. 18, n. 2, p. 378-392, 2012.

O Diário da Região. Equipe de Ginástica Artística sofrem com equipamentos precários. **O Diário da Região**, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.diariodaregiao.com.br/_conteudo/2018/12/esportes/outros_esport

es/1133822-equipe-de-ginastica-artistica-sofrem-com-equipamentos-precarios.html>. Acesso em: 6 jun. 2021.

OLIVEIRA, Carla Rosane Dias *et al*. NOVOS HORIZONTES: análise das motivações do turismo de intercâmbio. **Maiêutica – Estudos Contemporâneos em Gestão Organizacional**, v. 4, n. 1, p. 99-110, 2016.

OLLERUP INTAC. **Tomorrow's Sport Leaders**: Academy of Physical Education Ollerup. Dinamarca: [*s. n.*], [2020]. 6 p. Disponível em: <http://brochure-outsource-dk.com/ollerup_intac/intro/mobile/index.html#p=1>. Acesso em: 11 fev. 2020.

OM OS: Viborg Idrætshøjskoles historie. *In*: VIBORG IDRÆTSHØJSKOLEN. **Viborg Idrætshøjskole**. Dinamarca, 16 fev. 2020. Disponível em: <https://viborgih.dk/om-os/>. Acesso em: 16 de fev. 2020.

PAOLIELLO, Elizabeth *et al*. Em Rede. In: **Grupo Ginástico Unicamp: 25 anos**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014. p.245-256.

PEOPLE AND CULTURE. **Trust, community, and the Danish welfare state**. Disponível em: <https://denmark.dk/people-and-culture>. Acesso em: 30 jun. 2021.

PÉRICO, Franco Gatelli; GONÇALVES, Roberto Birch. Intercâmbio acadêmico: as dificuldades de adaptação e de readaptação. **Educação e Pesquisa**, v. 44, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634201844182699>. Acesso em: 26 jun. 2021.

PIAZZA, Fernanda Arpicio. **Ginástica Geral - uma experiência de trabalho voluntário na Estônia**. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA GERAL, 5., 2010, Campinas /SP. Anais, editora da Unicamp, 2010. p.309-315.

PIERIN, Luciane. **Ginástica Geral /GPT no SESC São Paulo – históricos e possibilidades**. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA GERAL, 7., 2014, Campinas /SP. Anais, editora da Unicamp, 2014. p.259– 264.

PUBLIO, Nestor Soares. **Evolução histórica da Ginástica olímpica**. Phorte, 1998.

QUITZAU, Evelise Amgarten. **Educação do corpo e vida associativa = as sociedades Ginásticas alemãs em São Paulo (fins do século XIX, primeiras décadas do século XX)**. 2011. 173f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP, 211. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/275052>. Acesso em: 17 jun. 2020.

QUITZAU, Evelise Amgarten; SOARES, Carmen Lúcia. O ideário de vida ao ar livre nas sociedades Ginásticas teutobrasileiras (1880-1938). **Pro-Posições**, v. 30, p. 1-27, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8656507>. Acesso em: 17 jun. 2020.

REIS-FURTADO, Lorena Nabanete dos *et al*. Esporte e mídia social: análise do Instagram da Confederação Brasileira de Ginástica. **Journal of Physical**

Education, v. 32, n. 1, p. e-3213, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/48127/751375150993>. Acesso em: 19 jun. 2021.

REMONTE, Jarbas Gomes. A educação física tradicional sofre, mas ainda vive. **Acta Scientiarum. Education**, v. 36, n. 1, p. 143-149, 2014. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/21583/0>. Acesso em: 29 jun. 2021.

RILEY, Douglas R. Ollerup Gymnastics High School: A Modern Program Built on the Spirit of the Past. **The Physical Educator**, v. 41, n. 4, 1984.

SEEBER, Marco *et al*. Why do higher education institutions internationalize? An investigation of the multilevel determinants of internationalization rationales. **Higher education**, v. 72, n. 5, p. 685-702, 2016.

SAMPAIO, Gabriela Breggue da Silva. **Formação de Treinadores de Ginástica Rítmica:** Perspectivas de aprendizado ao longo da vida. 2017. 193f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Educação Física e Desportos, Florianópolis, SC, 2017.

SCARABELIM, Maria Letícia A.; TOLEDO, Eliana de. **Aspectos convergentes entre a Ginástica Para Todos e a Ginástica Rítmica Dinamarquesa**. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA PARA TODOS, 8., 2016, Campinas /SP. Anais, editora da Unicamp, 2016. p.102-104.

SILVA, Douglas. **Teamgym:** análise de uma ginástica de grupo competitiva. 2018. 124f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Bacharel em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2018. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=001081665&opt=4>. Acesso em: 27 jun. 2021.

SILVA; Paula Cristina da Costa et. al. **Grupo ginástico Labgin:** sob a ótica de seus participantes. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA PARA TODOS, 7., 2014, Campinas /SP. Anais, editora da Unicamp, 2014. p.338-341.

SILVA, Yuri Rouxinol. Ginástica geral: um processo de construção coreográfica com crianças. In: TOLEDO, Eliana de; SILVA, Paula Cristina da Costa. **Democratizando o ensino da Ginástica:** Estudos e exemplos de sua implantação em diferentes contextos sociais. São Paulo: Fontoura, 2013. p. 97-120.

SOARES, Carmen Lúcia. **Educação física**: raízes europeias e Brasil. 2.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

SOUSA, Giovana Vitória. **Aspectos convergentes entre a Ginástica Acrobática e a Ginástica Para Todos**. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA PARA TODOS, 9., 2018, Campinas /SP. Anais, editora da Unicamp, 2018. p.250-252.

SOUZA, Ana Paula Dias de; COSTA, Andrize Ramires. Gymnastikhøjskolen i Ollerup, das vivências iniciais à grande performance: um relato de experiência. **Revista Kinesis**, Santa Maria, RS, v.39, p.01-12, 2021.

SOUZA, Elizabeth Paoliello M. **Ginástica Geral:** uma área do conhecimento da Educação Física. 1997. 163f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

SPEARS, Eric. O valor de um intercâmbio: mobilidade estudantil brasileira, bilateralismo & internacionalização da educação (tradução). **Revista Eletrônica de Educação**, v. 8, n. 1, p. 151-163, 2014.

TAMIÃO, Talita Segato; CAVENAGHI, Airton José. O Intercâmbio Cultural Estudantil na Cidade de São Paulo. **Revista do Instituto de Ciências Humanas**, v.8, n.9, p. 40 - 49, 2013.

THE ASSOCIATION OF FOLK HIGH SCOOL IN DENMARK (FFD). **Danish Folk High School:** Højskolerne. Copenhague: Dinamarca, 2019. Disponível em: <https://www.danishfolkhighschools.com/media/23511/19-danishfolkhighschool-haefte-web.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2020.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TRUZZI, Luciano. **Gymnastikhøjskolen i Ollerup:** Uma experiência. 1999. 85f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1999.

TOLEDO, Eliana de; DIAS, Franciny dos Santos; PEREIRA, Lucas Fraga. **Ilona Peuker e o papel de seus cursos para a difusão da ginástica geral nas décadas de 50 e 60**. In: CONGRESSO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, DO LAZER E DA EDUCAÇÃO FÍSICA, 15., 2018, Curitiba: Universidade Federal do Paraná. Anais, 2018. p. 171-172.

TOLEDO, Eliana de *et al*. Ginástica em rede, possibilidades para todos. **Conexões**, v. 16, n. 4, p. 411-413, 2018.

TOLEDO, Eliana de; SILVA, Paula Cristina da C. A Ginástica Para Todos e suas territorialidades. **Corpoconsciência**, v. 24, n. 1, p. 71-82, 2020.

TOMAZZONI, Edegar Luis; OLIVEIRA, Caroline Cunha de. Turismo de intercâmbio: perfis dos intercambistas, motivações e contribuições da experiência internacional. **Revista Turismo Visão e Ação – Eletrônica**, v. 15, n 3, p. 388-40, 2013.

VOLPI, Yuli Della; KÖHLER, André Fontan. Avaliação das experiências de intercâmbio internacional na graduação: a avaliação dos intercambistas estrangeiros na Universidade de São Paulo e de discentes da USP no exterior. **RITUR-Revista Iberoamericana de Turismo**, v. 7, n. 2, p. 156-174, 2017.

WORM, O. De danske Gymnastik-og idrætshøjskoler. In: **Forum for Idræt**. 1989. Disponível em: <https://tidsskrift.dk/forumforidraet/article/download/31881/29318>. Acesso em 11 mar. 2020.

Apêndices

Apêndice A

Matriz Analítica – Determinação das questões

DIMENSÃO	INDICADORES	QUESTÃO	OBJETIVO	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA
ENTREVISTA COM OS EX-PARTICIPANTES DO PROGRAMA IYLE				
Para participar do intercâmbio	Experiência prévia dos alunos participantes	Participava de algum grupo ginástico ou tinha experiência com Ginástica?	- Descrever o tipo de aproximação prévia dos participantes com a Ginástica, bem como as principais motivações para entrada no programa; - Apontar os principais desafios para poder participar do intercâmbio;	Bahu e Carbinatto (2016); Carbinatto (2017); Larsen e Vicent-Lancrin (2002); Knight (2003); Knight (2004); Chaves e Castro (2016);
	Motivação para participar do programa IYLE	Quais seus principais interesses e motivações em participar do programa?		
	Aspectos financeiros	Quais as maiores dificuldades para poder participar?		
		Teve algum tipo de apoio financeiro por parte da universidade ou algum programa de financiamento para intercâmbio?		
Durante o intercâmbio	Percepções sobre ensino e aprendizagem.	Quais as suas percepções de ensino e aprendizagem na escola em que estudou?	- Descrever as percepções do ensino e aprendizagem na perspectiva dos alunos participantes. - Destacar as principais contribuições na formação dos profissionais que participaram do programa;	Knight (2003); Knight (2004); Larsen e Vicent-Lancrin (2002);
	Principais experiências no aspecto pessoal e profissional	Quais foram as melhores experiências no aspecto pessoal e profissional?		
Depois do intercâmbio	Contribuições do intercâmbio no espaço acadêmico	De volta ao Brasil, teve oportunidade e incentivo para produzir algo na universidade levando em consideração o que aprendeu no exterior? (oficinas, pesquisa, palestras).	- Aprofundar como os conhecimentos adquiridos pelo programa IYLE vêm	Knight (2003); Knight (2004);

	Contribuições da IYLE na trajetória profissional	No seu campo de trabalho atual, como suas vivências agregaram na sua trajetória profissional?	sendo utilizados no contexto da Ginástica brasileira.	Coelli (2014); Tamião e Cavenaghi (2013); Larsen e Vicent-Lancrin (2002);
	A utilização da Ginástica dinamarquesa no contexto brasileiro	Você utiliza ou já utilizou a Ginástica dinamarquesa como conteúdo das atividades que ensina? Como?		

Apêndice B

Roteiro para a realização das entrevistas

Fala inicial: Olá, primeiramente gostaria de agradecer por dispor o seu tempo para estar contribuindo com essa pesquisa. Meu nome é Ana Paula Dias de Souza, aluna no Programa de Pós-Graduação da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas (ESEF-UFPel) e orientada da Professora Doutora Andrize Ramires da Costa. Para cumprir com os objetivos da minha pesquisa, propomos realização dessa entrevista com questões que envolvem a temática "*Processo de Internacionalização por meio do programa International Youth Leader Education* e suas relações na trajetória profissional em Ginástica". Vou conduzir a entrevista com questões em três eixos principais: Antes do intercâmbio, durante o intercâmbio e após o intercâmbio. Não existem respostas certas ou erradas e estou igualmente interessada em qualquer informação que quiser e puder dispor. Estou gravando a vídeo-chamada para não perder os dados da entrevista. Também não usarei nenhum nome e logicamente preservarei a confidencialidade a respeito da sua participação e imagem.

Então assim, podemos começar.

Perguntas Norteadoras da entrevista:

1. **Antes do intercâmbio:**

1) Quais foram seus principais interesses e motivações em participar do programa?
2) Participava de algum grupo ginástico ou tinha experiência com Ginástica?
3) Quais foram as maiores dificuldades para poder participar?
4) Teve algum tipo de apoio financeiro por parte da universidade ou algum programa de financiamento para intercâmbio?

2. Durante o intercâmbio:

1) Quais as suas percepções de ensino aprendizagem na escola em que estudou?
2) Quais foram as melhores experiências no aspecto profissional e pessoal?

3. Após o intercâmbio:

1) De volta ao Brasil, teve oportunidade e incentivo para produzir algo na universidade levando em consideração o que aprendeu no exterior? (oficinas, pesquisa, palestras).
2) Na sua trajetória profissional, como suas vivências agregaram nas atividades que desempenhou?
3) Você utiliza ou já utilizou a Ginástica dinamarquesa como conteúdo das atividades que ensina? Como?

Apêndice C

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Carta de apresentação do Projeto de Pesquisa

PROCESSO DE INTERNACIONALIZAÇÃO POR MEIO DO PROGRAMA *INTERNATIONAL YOUTH LEADER EDUCATION* E SUAS RELAÇÕES NA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL EM GINÁSTICA

Pesquisadora Responsável: Profa. Dra. Andrize Ramires Costa

Caro(a)_____,

Venho por meio deste convida-lo(a) a participar da pesquisa intitulada "*Processo de Internacionalização por meio do programa International Youth Leader Education* e suas relações na trajetória profissional em Ginástica",sendo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da ESEF-UFPel – Rua Luís de Camões, 625 – CEP: 96055-630 - Pelotas/RS; Telefone CEP (53)3273-2752.

Meu nome é Ana Paula Dias de Souza, aluna no Programa de Pós-Graduação da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas (ESEF- UFPel). Para cumprir com os objetivos da minha pesquisa, proponho realização de entrevistas com participação voluntária.

O objetivo desse estudo é analisar o processo de internacionalização por meio da *International Youth Leader Education* e o suas influências na trajetória profissional de professores em Ginástica. Dessa forma, também é proposto: entender a dinâmica e demandas para entrada no programa, bem como a aproximação dos participantes com a Ginástica; destacar as principais contribuições na formação dos profissionais que participaram do programa;

aprofundar como os conhecimentos adquiridos pelo programa IYLE vêm sendo utilizados no contexto da Ginástica brasileira.

A pesquisa será desenvolvida por meio de uma abordagem qualitativa, com entrevistas semiestruturadas como instrumento de coleta de dados, além de contar com a participação de professores que obtiveram a formação da IYLE.

Assim, sua colaboração é de grande relevância para pesquisa, uma vez que os dados, coletados por meio de seus procedimentos, pretendem envolver questões que permeiam a temática proposta.

Desde já agradecemos a sua participação.

_____

Ana Paula Dias de Souza
Bolsista pelo programa institucional PIB (MD)
Mestranda pelo Programa de Pós Graduação- ESEF-UFPe

_____

Profa. Dra. Andrize Ramires Costa
Docente na Escola Superior de Educação Física - UFPel

Apêndice D

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisadora responsável: Profa. Dra. Andrize Ramires Costa
Instituição: Escola Superior de Educação Física
Endereço: Rua Luis de Camões, 625
Telefone: (53) 3273-2752

Concordo em participar do estudo "***Processo de Internacionalização por meio do programa* International Youth Leader Education *e suas relações na trajetória profissional em Ginástica***". Estou ciente de que estou sendo convidado(a) a participar voluntariamente do mesmo.

PROCEDIMENTOS: Fui informado de que o objetivo geral será analisar o processo de internacionalização por meio da **International Youth Leader Education** e o suas influências na trajetória profissional de professores em Ginástica, cujos resultados serão mantidos em sigilo e somente serão usados para fins de pesquisa. Estou ciente de que a minha participação envolverá entrevistas com temática envolvendo: a entrada no programa, a experiência e percepções durante o processo de intercâmbio e as contribuições e percepções posteriores ao intercâmbio. Estou ciente que tudo será gravado para que ele possa melhor analisar as respostas posteriormente. Além disso, estou ciente de que posso desistir de participar do estudo em qualquer momento.

RISCOS E POSSÍVEIS REAÇÕES: Fui informado que os riscos são mínimos porque a tarefa a ser realizada no estudo é simples e não compromete a saúde do participante, entretanto, se sentir algum desconforto ou constrangimento, a entrevista poderá ser interrompida em qualquer momento sem prejuízo ao participante.

BENEFÍCIOS: Os(as) participantes terão retorno da pesquisa, podendo ter maior panorama referente a sua formação profissional e a importância para a

ginástica brasileira. Os resultados também serão divulgados no formato de artigo científico, o que também será uma grande contribuição na produção e divulgação de conhecimento.

PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA: Como exposto anteriormente, a participação neste estudo será voluntária e poderei interrompê-la a qualquer momento.

DESPESAS: Eu não terei que pagar por nenhum dos procedimentos, nem receberei compensações financeiras acerca de minha participação neste estudo.

CONFIDENCIALIDADE: Estou ciente que a nossas identidades permanecerão confidenciais durante todas as etapas do estudo. As gravações não serão divulgadas.

CONSENTIMENTO: Recebi claras explicações sobre o estudo, todas registradas neste formulário de consentimento. Os investigadores do estudo responderam e responderão, em qualquer etapa do estudo, a todas as minhas perguntas, até a minha completa satisfação.

Nome do Participante/Representante Legal:_____

Identidade:_____

Assinatura: _____ DATA: ____ / ____ / ____

DECLARAÇÃO DE RESPONSABILIDADE DO INVESTIGADOR: Expliquei a natureza, objetivos, riscos e benefícios deste estudo. Coloquei-me à disposição para perguntas e as respondi em sua totalidade. O participante compreendeu minha explicação e aceitou, sem imposições, assinar este consentimento. Tenho como compromisso utilizar os dados e o material coletado para a publicação de relatórios e artigos científicos referentes a essa pesquisa. Se o participante tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da ESEF/UFPel – Rua Luís de Camões, 625 – CEP: 96055-630 - Pelotas/RS; Telefone:(53) 3273-2752.

Assinatura do pesquisador responsável: _____

Anexos

UFPEL - ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: PROCESSO DE INTERNACIONALIZAÇÃO COM A INTERNATIONAL SPORTS AND CULTURE ASSOCIATION E O IMPACTO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GINÁSTICA

Pesquisador: ANDRIZE RAMIRES COSTA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 37752520.5.0000.5313

Instituição Proponente: Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.314.102

Apresentação do Projeto:

É uma pesquisa qualitativa descritiva. Como instrumento de pesquisa serão utilizadas entrevistas semi-estruturadas para trabalhar na obtenção de informações a partir de questões concretas, previamente definidas pelo investigador, a fim de investigar a trajetória de formação profissional dos professores, focando a relação entre o processo de internacionalização que participaram (PROGRAMA INTERNATIONAL SPORTS AND CULTURE ASSOCIATION) e a aquisição de competências para as aulas de ginástica, fazendo uma reflexão de sua formação profissional. Esse programa oferece bolsas de estudos em escolas dinamarquesas com formação no estilo não formal, proporcionando amplas vivências e práticas esportivas, como a Ginástica O roteiro de entrevistas foi construído e está disponível no Apêndice da submissão. Para a realização do estudo, serão selecionados 10 participantes do programa IYLE. Todas as entrevistas ocorrerão de maneira online via Skype.

Objetivo da Pesquisa:

- Analisar o processo de internacionalização e o seu impacto na formação de professores em Ginástica.

-Entender a dinâmica e demandas para entrada no programa, bem como a aproximação dos participantes com a Ginástica;

Endereço: Luis de Camões,625
Bairro: Tablada **CEP:** 96.055-630
UF: RS **Município:** PELOTAS
Telefone: (53)3273-2752 **E-mail:** cepesef.ufpel@gmail.com

-Destacar as principais contribuições na formação dos profissionais que participaram do programa;
- Aprofundar como os conhecimentos adquiridos pelo programa IYLE vem sendo utilizados no contexto da Ginástica brasileira.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:
Riscos mínimos e os benefícios do estudo estão explícitos na PlatBr e no TCLE.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:
O objetivo e o delineamento são adequados ao problema investigado. O projeto está bem fundamentado.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:
Adequados.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:
Na segunda versão o n foi ajustado para 10 participantes. Aprovado

Considerações Finais a critério do CEP:
Prezado(a) Pesquisador(a)

O CEP considera o protocolo de pesquisa adequado, conforme parecer APROVADO, emitido pelo relator. Solicita-se que o pesquisador responsável retorne com o RELATÓRIO FINAL ao término do estudo, considerando o cronograma estabelecido.

Att,

Gabriel Gustavo Bergmann
Coordenador2 do CEP/ESEF/UFPEL

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Continuação do Parecer: 4.314.102

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1595249.pdf	23/09/2020 21:23:27		Aceito
Outros	CARTAAOSPARECERISTASDOCEP.pdf	23/09/2020 21:20:35	ANDRIZE RAMIRES COSTA	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRostoAnaPaula.pdf	27/08/2020 23:03:10	ANDRIZE RAMIRES COSTA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetoanacomite.pdf	25/08/2020 12:13:56	ANDRIZE RAMIRES COSTA	Aceito
Outros	cartadeapresentacao.pdf	25/08/2020 12:10:21	ANDRIZE RAMIRES COSTA	Aceito
Outros	roteiroentrevistasok.pdf	25/08/2020 12:02:39	ANDRIZE RAMIRES COSTA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle.pdf	25/08/2020 12:00:58	ANDRIZE RAMIRES COSTA	Aceito
Orçamento	orcamento.pdf	25/08/2020 11:58:59	ANDRIZE RAMIRES COSTA	Aceito
Outros	matrizanaliticaApendiceA.pdf	23/08/2020 00:04:48	ANDRIZE RAMIRES COSTA	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	22/08/2020 23:57:24	ANDRIZE RAMIRES COSTA	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

PELOTAS, 01 de Outubro de 2020

Assinado por:
Gabriel Gustavo Bergmann
(Coordenador(a))